

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

ESSÊNIOS

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO QUATORZE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Dezembro 2017

ÍNDICE

A CAMINHO DA LUZ.....	03
AFINAL, QUEM SOMOS?.....	03
BOA NOVA.....	07
BRASIL MAIS ALÉM.....	10
CORNÉLIUS O centurião que viu Jesus.....	10
DEPOIS DA MORTE.....	21
ENSAIO SOBRE A REENCARNAÇÃO.....	22
ESTUDOS ESPÍRITAS DO EVANGELHO (6 de 7).....	22
O CRISTIANISMO DO CRISTO E DOS SEUS VIGÁRIOS.....	23
O REDENTOR.....	27
RESSURREIÇÃO E VIDA.....	31
VIDA DE JESUS.....	41

A Caminho da Luz

Francisco Cândido Xavier

O Cristo e os Essênios

Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pêla força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.

Afinal Quem Somos?

Pedro Granja

A Grécia e Roma – Cap.V §82

O ensino secreto dava, ainda, noções muito mais elevadas sôbre as leis do Universo. Contamos Aristóteles que os pitagóricos conheciam o movimento da terra em tórno do Sol. No terceiro grau de iniciação aprendia-se o duplo movimento da terra.

Em resumo: a doutrina secreta, mãe das religiões e das filosofias, reveste aparências diversas no correr dos séculos, mas sua base permanece imutável. Nascida simultâneamente na Índia e no Egito, passa daí para o Ocidente, com a onda das migrações. Encontramo-la em todos os países ocupados pelos Celtas. Ocultas na Grécia pelos Mistérios, ela se revela no ensino de mestres, tais como Pitágoras, Sócrates e Platão, cuja filosofia, sob fórmulas repletas de sedução e poesia, sempre se associou às práticas da teurgia, da invocação dos espíritos, etc.

A escola de Alexandria recolhe os seus princípios e infunde-os no sangue jovem e impetuoso do Cristianismo. Já o "Evangelho", como a abóboda das florestas sob um sol brilhante, era iluminado pela ciência esotérica dos Essênios, outro ramo dos iniciados. A palavra de Cristo havia

bebido nessa fonte de água viva e inesgotável as suas imagens variadas e os seus encantos poderosos.

Assim é que, por tôda parte, através da sucessão dos tempos e do rasto dos povos, se afirmam a existência e a perpetuidade de um ensino secreto facilmente identificável no fundo de tôdas as grandes concepções religiosas ou filosóficas. Os sábios, os pensadores, os profetas dos templos e dos países mais diversos, nêle encontraram a inspiração e a energia que fazem empreender grandes coisas, e transformar almas e sociedades, impelindo-as para o caminho evolutivo do progresso.

Há aí como que uma grande corrente espiritual que se desenrola misteriosamente nos recessos da história, e parece sair dêste mundo invisível que nos domina, nos envolve, e onde vivem e atuam ainda os Grandes Espíritos que têm servido de guias à humanidade e que jamais cessaram de com ela comunicar-se.

Os Hebreus – Cap.VII §43

Entretanto, nas margens do Mar Morto alguns homens conservam no recesso a tradição dos profetas e o segredo da pura doutrina. São os Essênios.

Formando um grupo de iniciados cujas colônias se estendem até o vale do Nilo, abertamente se entregam ao exercício da medicina, porém o fim real é mais elevado: consiste em ensinar a um pequeno número de adeptos as leis superiores do Universo e da Vida. Sua doutrina é quase idêntica à dos Pitagóricos

Admitem nos seus ensinamentos a preexistência e as vidas sucessivas da alma; prestam a Deus o culto do espírito. Nos Essênios, como entre os sacerdotes de Mênfis, há iniciação preparatória.

O livro sagrado dêsse povo, a "Çabala" (Tradição), contém os preceitos revelados por Deus a Abraão e só foi redigida cerca do século II antes da nossa era, por Akiba, e concluída, mais tarde, por Ben-Jocai, seu discípulo, sob o nome de "Zohar" (luz) .

Seus costumes são irrepreensíveis; passam a vida em estudo e contemplação, longe das agitações políticas, longe dos enredos do sacerdócio ávido e cioso, como veremos no capítulo seguinte.

O Cristianismo – Cap.VIII

Para uma alma que vem do céu, o nascimento e uma morte , dissera Empédocles, quinhentos anos antes de Cristo. Por mais sublime e elevado que seja um espírito, uma vez mergulhado na carne, perde temporariamente a recordação do passado; uma vez preso na engrenagem da vida corporal, o desenvolvimento da sua consciência terrena fica submetido às leis do mundo; cai sob as forças dos elementos. Quanto mais alta fôr a sua origem, maior será o esforço para recobrar os poderes adormecidos, as qualidades celeste e adquirir consciência da nova missão.

As almas profundas e ternas necessitam do silêncio e de paz para desabrocharem. Assim Jesus, símbolo da elevação espiritual cresceu na Galiléia, desenvolvendo-se, mais tarde, entre os Essênios, cuja afinidade de princípios e moralidade de costumes "tinha por símbolo a pureza dos lírios".

Suas primeiras impressões foram doces, austeras e serena. O valezinho natal assemelhava-se a um canto do céu caído numa dobra da montanha. E suas casas debruçadas sobre os rochedos semelhantes, no dizer dos poetas, a cubos brancos semeados em floresta de romanzeiras, de figueiras e de vinhas, que despertavam os gorjeios dos pássaros quando, em largos vôos, feriam o espaço. Acrescentai ainda a êsse quadro majestoso o ambiente tranquilo e elevado de uma família piedosa e patriarcal em que vivia Jesus.

Ver Jerusalém e o tempo de Jeová era o sonho de todos os Judeus, principalmente desde que a Judéia se tornou uma província romana. Para vê-la, vinham da Pérsia, da Galiléia, de Alexandria e de Babilônia.

Um sentimento estranho de opressão há de ter invadido a delicada alma do Menino, quando avistou a cidade com as suas formidáveis muralhas, assentada sobre a montanha como uma fortaleza sombria; quando às suas portas viu o anfiteatro romano de Herodes, a torre Antônia dominando o templo, que os legionários romanos, de lança em punho, vigiavam do alto; quando se aproximou da porta Nicanor e da balaustrada de três côvados, por trás da qual se viam os sacerdotes paramentados de ouro e pedrarias officiar diante do santuário, sacrificando animais, isto tudo nada representava ao templo dos seus sonhos, nem ao céu do seu coração.

Depois desceu aos bairros populares da cidade baixa. Viu mendigos pálidos de fome, faces esqueléticas e angustiadas transluziam os reflexos das últimas guerras civis, dos suplícios, das crucificações. Saindo por uma das portas da cidade pôs-se a errar por esses vales pedregosos, por essas ravinas lúgubres onde ficam as planícies, as piscinas, os túmulos dos reis, e que cingem Jerusalém de um cordão sepulcral. Ali êle viu loucos saírem das cavernas a blasfemar contra os vivos e os mortos.

Mais além, descendo por longa escadaria até à fonte de Siloé, profunda como uma cisterna, viu à borda de uma água amarelada, leprosos, paralíticos, desgraçados cobertos de toda a espécie de úlceras. Uma força irresistível impelia-o a olhar todas essas misérias e uma sublime comiseração surgia desses sofrimentos.

Então Jesus dissera a seu pai José: "Para que serve êsse templo, êsses sacerdotes, esses hinos, esses sacrifícios, visto que não podem dar consolo ao sofrimento?" E de súbito, como torrente represada de lágrimas sem fim, sentiu afluir ao seu coração todas as dores dessas almas, dessa cidade, desse povo, e de toda a humanidade.

Dias grandes de Nazaré embalavam-lhe a infância, dias êsses como todos, ora de alegria e de luto, de triunfo e de tristeza, de eterna esperança e de miséria sem conta. Às perguntas ardentes, profundas, incisivas do menino, o pai silenciava. Mas a mãe, erguendo sob seus longos cílios os grandes olhos de siríaca sonhadora, e encontrando o olhar interrogador do menino, segredava-lhe:

— "As palavras de Deus, meu filho, só vivem na boca dos seus profetas. Um dia, os sábios essenianos, os solitários do monte Carmelo e do mar Morto, te responderão"

Os Essênios, segundo a opinião de Josefo — insuspeita por se tratar de um fariseu e ex-sacerdote — eram de uma moralidade exemplar; esforçavam-se por reprimir a paixão e o movimento de cólera; sempre benevolentes nas suas relações, pacíficos, de boa-fé. A palavra valia mais que um juramento; assim, na vida ordinária, o juramento era por êles considerado supérfluo e como um perjúrio. Suportavam com admirável estoicismo e sorrisos nos lábios as mais cruéis torturas, de preferência a violar o menor preceito religioso.

Pelos estudos que faziam dos escritos antigos, dedicavam-se, acuradamente, às pesquisas dos ensinamentos que lhes pareciam úteis ao conhecimento do espírito e da matéria. Alguns, até, possuíam a faculdade de prever o futuro e raramente sucedia que se enganassem nas suas predições.

Procuravam servir a Deus auxiliando ao próximo, sem sacrificar vítimas ao altar e sem adorar imagem alguma. Meditavam sobre a perfeição da alma e aplicavam os seus conhecimentos às artes de paz. Nem um só escravo existia entre eles, sendo todos livres e todos trabalhando uns para os outros.

Foi evidentemente entre eles que Jesus passou os anos que precederam o seu apostolado, anos sobre os quais os Evangelhos guardam um silêncio absoluto. Tudo o que indica: a identidade dos seus intuitos com os Essênios, o auxílio que estes lhe prestaram em várias circunstâncias, a hospitalidade gratuita que ele recebia, e a fusão final da ordem com os primeiros cristãos, os apóstolos, fusão de que saiu o Cristianismo esotérico.

Indiferentes à pompa exterior do culto de Jerusalém, repelidos pela dureza saducéia, pelo orgulho farisaico, pelo pedantismo e pela secura da sinagoga, Jesus fora atraído pelos essênios por essa natural afinidade ⁽⁴⁾.

Revelaram-lhe, talvez, a doutrina do Verbo divino, já ensinada por Crisna na Índia, pelos sacerdotes de Osíris no Egito, por Orfeu e Pitágoras na Grécia, e conhecida pelos profetas com o nome de *Mistério do Filho do Homem e do Filho de Deus*.

Na iniciação indu, egípcia e grega, o termo *Filho de Deus* significava "uma consciência identificada com a verdade divina, uma vontade capaz de se manifestar". Segundo os profetas, o Messias devia ser a maior dessas manifestações. Ele seria o Filho do Homem, isto é, o Eleito da humanidade terrena; o Filho de Deus, isto é, o Enviado da humanidade celeste, e como tal, tendo em si o Pai ou o Espírito, que por ele reinaria no Universo.

Jesus, segundo a opinião de vários autores, passou inúmeros anos estudando com os Essênios. Submeteu-se à doutrina, estudou com eles os segredos da natureza, exercitou-se na terapêutica oculta e para desenvolver o espírito dominou inteiramente os sentidos. Nenhum dia se passava sem que ele meditasse sobre os destinos da humanidade e não se interrogasse a si mesmo.

Mas, na falta de iniciação, Jesus possuía uma alma imensa, plena de luz e de amor, para nela sorver os elementos da sua missão. *Jamais a terra viu passar maior Espírito*. Uma serenidade celeste envolvia-lhe a fronte. Nêle se uniam todas as perfeições para formarem um tipo de pureza ideal, de inefável bondade.

Há em seu coração imensa piedade pelos humildes, pelos deserdados. Todas as dores humanas, todos os gemidos, todas as misérias encontram nêle um eco. Para acalmar esses males, para secar essas lágrimas, para consolar, para curar, para salvar, ele irá ao sacrifício da própria vida, oferecendo-se em holocausto a fim de reerguer a humanidade.

Jesus, que sentia no íntimo dilatar-se a vocação profética, mas que hesitava, ainda, no caminho a seguir, ouvindo falar do Batista saiu à sua procura em companhia de alguns Essênios que já o seguiam como a um mestre. Depois de ouvi-lo, submeteu-se ao batismo público, pois desejava testemunhar, assim, um ato de humildade e respeito para com o profeta que ousava erguer a voz contra os poderes constituídos e despertar da sua letargia a alma de Israel.

E essa voz trovejante, "voz que clama no deserto", vibrando sobre a multidão, dizia:

- "Emendai-vos, olhai os caminhos do Senhor, tomai pelas suas veredas".

E mais adiante:

- "Eu só vos batizo com água, porém ele batizar-vos-á com fogo" (5).

Então Jesus aproximou-se. João Batista não o conhecia, nada sabendo d'ele, mas por causa da túnica de linho branco, símbolo dos neófitos, o reconheceu como um Essênio.

Viu-o, perdido na multidão, meter-se na água até a cintura e curvar-se reverentemente a fim de receber a aspersão.

Quando seus olhos se cruzaram, os do Pregador e os do Galileu, o homem do deserto estremeceu sob a maravilhosa doçura que deles resplendia.

- "Serás tu o Messias"? (5 6).

A clarividência do misterioso Nazareno percebe a interrogação espiritual do profeta, mas, sem respondê-la, inclinando a pensativa cabeça e cruzando as mãos sobre o peito, pediu ao Batista a sua Bênção. João sabia que o silêncio era lei para os Essênios noviços. Estendeu, pois, solenemente sobre Jesus as suas mãos espalmadas e o Nazareno, seguido dos companheiros, desapareceu por entre os canaviais do rio, rumo ao monte de Engadi para orar e meditar.

Boa Nova

Francisco Cândido Xavier

19

COMUNHÃO COM DEUS

As elucidações do Mestre, relativamente à oração, sempre encontravam nos discípulos certa perplexidade, quase que invariavelmente em virtude das idéias novas que continham, acerca da concepção de Deus como Pai carinhoso e amigo. Aquela necessidade de comunhão com o seu amor, que Jesus não se cansava de salientar, lhes aparecia como problema obscuro, que o homem do mundo não conseguiria realizar.

A esse tempo, os essênios constituíam um agrupamento de estudiosos das ciências da alma, caracterizando as suas atividades de modo diferente, porque sem públicas manifestações de seus princípios. Desejoso de satisfazer à curiosidade própria, João procurou conhecer-lhes, de perto, os pontos de vista, em matéria das relações da comunidade com Deus e, certo dia, procurou o Senhor, de modo a ouvi-lo mais amplamente sobre as dúvidas que lhe atormentavam o coração:

– Mestre – disse ele, solícito –, tenho desejado sinceramente compreender os meus deveres atinentes à oração, mas sinto que minha alma está tomada de certas hesitações. Anseio por esta comunhão perene com o Pai; todavia, as idéias mais antagônicas se opõem aos meus desejos. Ainda agora, manifestando meu pensamento, acerca de minhas necessidades espirituais, a um amigo que se instrui com os essênios, asseverou-me ele que necessito compreender que toda edificação espiritual se deve processar num plano oculto. Mas, suas observações me confundiram ainda mais. Como poderei entender isso? Devo, então, ocultar o que haja de mais santo em meu coração?

O Messias, arrancado de suas meditações, respondeu com brandura:

– João, todas as dúvidas que te assaltam se verificam pelo motivo de não haveres compreendido, até agora, que cada criatura tem um santuário no próprio espírito, onde a

sabedoria e o amor de Deus se manifestam, através das vozes da consciência. Os essênios levam muito longe a teoria do labor oculto, pois, antes de tudo, precisamos considerar que a verdade e o bem devem ser património de toda a Humanidade em comum. No entanto, o que é indispensável é saber dar a cada criatura, de acordo com as suas necessidades próprias. Nesse ponto, estão muito certos quanto ao zelo que os caracteriza, porque os unguentos reservados a um ferido não se ofertam ao faminto que precisa de pão. Também eu tenho afirmado que não poderei ensinar tudo o que desejara aos meus discípulos, sendo compelido a reservar outras lições do Evangelho do Reino para o futuro, quando a magnanimidade divina permitir que a voz do Consolador se faça ouvir entre os homens sequiosos de conhecimento. Não tens observado o número de vezes em que necessito recorrer a parábolas para que a revelação não ofusque o entendimento geral? No que se refere à comunhão de nossas almas com Deus, não me esqueci de recomendar que cada espírito ore no segredo do seu íntimo, no silêncio de suas esperanças e aspirações mais sagradas. É que cada criatura deve estabelecer o seu próprio caminho para mais alto, erguendo em si mesma o santuário divino da fé e da confiança, onde interprete sempre a vontade de Deus, com respeito ao seu destino. A comunhão da criatura com o Criador é, portanto, um imperativo da existência e a prece é o luminoso caminho entre o coração humano e o Pai de infinita bondade.

*

O apóstolo escutou as observações do Mestre, parecendo meditar austeramente. Entretanto, obtemperou:

- Mas, a oração deve ser louvor ou súplica?

Ao que Jesus respondeu com bondade:

- Por prece devemos interpretar todo ato de relação entre o homem e Deus. Devido a isso mesmo, como expressão de agradecimento ou de rogativa, a oração é sempre um esforço da criatura em face da Providência Divina. Os que apenas suplicam podem ser ignorantes, os que louvam podem ser somente preguiçosos. Todo aquele, porém, que trabalha pelo bem, com as suas mãos e com o seu pensamento, esse é o filho que aprendeu a orar, na exaltação ou na rogativa, porque em todas as circunstâncias será fiel a Deus, consciente de que a vontade do Pai é mais justa e sábia do que a sua própria.

- E como ser leal a Deus, na oração? – interrogou o apóstolo, evidenciando as suas dificuldades intelectuais. – A prece já não representa em si mesma um sinal de confiança?

Jesus contemplou-o com a sua serenidade imperturbável e retrucou:

- Será que também tu não entendes? Não obstante a confiança expressa na oração e a fé tributada à providência superior, é preciso colocar acima delas a certeza de que os desígnios celestiais são mais sábios e misericordiosos do que o capricho próprio; é necessário que cada um se una ao Pai, comungando com a sua vontade generosa e justa, ainda que seja contrariado em determinadas ocasiões. Em suma, é imprescindível que sejamos de Deus. Quanto às lições dessa fidelidade, observemos a própria natureza, em suas manifestações mais simples. Dentro dela, agem as leis de Deus e devemos reconhecer que todas essas leis correspondem à sua amorosa sabedoria, constituindo-se suas servas fiéis, no trabalho universal. Já ouviste falar, alguma vez, que o Sol se afastou do céu, cansado da paisagem escura da Terra, alegando a necessidade de repousar? A pretexto de indispensável repouso, teriam as águas privado o globo de seus benefícios, em certos anos? Por desagradável que seja em suas características, a tempestade jamais

deixou de limpar as atmosferas. Apesar das lamentações dos que não suportam a umidade, a chuva não deixa de fecundar a terra! João, é preciso aprender com as leis da natureza a fidelidade a Deus! Quem as acompanha, no mundo, planta e colhe com abundância. Observar a lealdade para com o Pai é semear e atingir as mais formosas searas da alma no infinito. Vê, pois, que todo o problema da oração está em edificarmos o reino do céu entre os sentimentos de nosso íntimo, compreendendo que os atributos divinos se encontram também em nós.

O apóstolo guardou aqueles esclarecimentos, cheio de boa-vontade no sentido de alcançar a sua perfeita compreensão.

– Mestre – confessou, respeitoso –, vossas elucidações abrem uma estrada nova para minha alma; contudo, eu vos peço, com a sinceridade da minha afeição, me ensineis, na primeira oportunidade, como deverei entender que Deus está igualmente em nós.

O Messias fixou nele o olhar translúcido e, deixando perceber que não poderia ser mais explícito com o recurso das palavras, disse apenas:

- Eu to prometo

*

A conversação que vimos de narrar verificara-se nas cercanias de Jerusalém, numa das ausências eventuais do Mestre do círculo bem-amado de sua família espiritual em Cafarnaum.

No dia seguinte, Jesus e João demandaram Jericó, a fim de atender ao programa de viagem organizado pelo primeiro.

Na excursão a pé, ambos se entretinham em admirar as poucas belezas do caminho, escassamente favorecido pela Natureza. A paisagem era árida e as árvores existentes apresentavam as frondes recurvadas, entremostrando a pobreza da região, que não lhes incentivava o desenvolvimento.

Não longe de uma pequena herdade, o Mestre e o apóstolo encontraram um rude lavrador, cavando grande poço à beira do caminho. Bagas de suor lhe desciam da fronte; mas, seus braços fortes iam e vinham à terra, na ânsia de procurar o líquido precioso.

Ante aquele quadro, Jesus estacionou com o discípulo, a pretexto de breve descanso, e, revelando o interesse que aquele esforço lhe despertava, perguntou ao trabalhador:

- Amigo, que fazes?

- Busco a água que nos falta – redarguiu com um sorriso o interpelado.

- A chuva é assim tão escassa nestas paragens? – tornou Jesus, evidenciando afetuoso cuidado.

- Sim, nas proximidades de Jericó, ultimamente, a chuva se vem tornando uma verdadeira graça de Deus.

O homem do campo prosseguiu no seu trabalho exaustivo; mas, apontando para ele, o Messias disse a João, em tom amigo:

- Este quadro da Natureza é bastante singelo; porém, é na simplicidade que encontramos os símbolos mais puros. Observa, João, que este homem compreende que sem a chuva não haveria mananciais na Terra; mas, não pára em seu esforço, procurando o reservatório que a Providência Divina armazenou no subsolo. A imagem é pálida; todavia, chega para compreenderes como Deus reside também em nós. Dentro do símbolo, temos de entender a chuva como o favor de sua misericórdia, sem o qual nada

possuiríamos. Esta paisagem deserta de Jericó pode representar a alma humana, vazia de sentimentos santificadores. Este trabalhador simboliza o cristão ativo, cavando junto dos caminhos áridos, muitas vezes com sacrifício, suor e lágrimas, para encontrar a luz divina em seu coração. E a água é o símbolo mais perfeito da essência de Deus, que tanto está nos céus como na Terra.

O discípulo guardou aquelas palavras, sabendo que realizara uma aquisição de clarezas imorredouras. Contemplou o grande poço, onde a água clara começava a surgir, depois de imenso esforço do humilde trabalhador que a procurava desde muitos dias, e teve nítida compreensão do que constituía a necessária comunhão com Deus. Experimentando indefinível júbilo no coração, tomou das mãos do Messias e as osculou, com a alegria do seu espírito alvoroçado. Confortado, como alguém que vencera grande combate íntimo, João sentiu que finalmente compreendera.

Brasil Mais Além

Duílio Lena Béni

Abramos, aqui, parêntese, para inserir oportuno esclarecimento, dado pelo próprio Emmanuel, no capítulo XII da obra em foco, quando estuda a questão *O Cristo e os essênios* (p. 106).

“Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.”

Cornélius

Maria Gertrudes Coelho Maluf

ABDIEL, ESSÊNIO

Quirílius Cornélius, atraído por aquele novo personagem, não conseguia compreender o que se passava em sua alma e atribuiu o fato à contagiante empolgação dos galileus amigos.

Acompanhava, silencioso, algumas de suas reuniões, mas o entusiasmo dos amigos já o contagiara e acalentava em seu íntimo o desejo de conhecer aquele homem misterioso, chamado de Messias ou Jesus de Nazaré.

Naquela noite, a maioria dos parentes e amigos galileus já tinha se recolhido e Cornélius não conseguia conciliar o sono, dava largas passadas na sala, agora vazia.

Abdiel, também, estava acordado e vendo o rapaz inquieto, aproximou-se:

— Que se passa, Cornélius?

Surpreendido, o moço virou-se:

— Ah! Sim... Estou sem sono e folga-me absorver o frescor da noite.

— Notei-te muito interessado nos assuntos de Cafarnaum!...

— Sem dúvida, acredito que o entusiasmo de teus parentes sobre o novo profeta, também me contagiou... Mas... vejo que não sou o único interessado!

Aquela discreta alusão fez o israelita sorrir.

Como Abdiel permanecesse calado, parecendo ocultar-lhe algo, Cornélius perguntou-lhe:

— Quase não falaste. Pareceu-me, Abdiel, que sabes algo além dos boatos que correm pela Galiléia... ou estarei errado?

— Não te encontras muito longe da verdade... - disse o homem, em tom confidencial.

Olhou o varão israelita, barbas e cabelos grisalhos, rosto sulcado por profundas rugas. Apesar dos modos rudes, denotava ampla inteligência e sabedoria no olhar.

Cornélius, incentivado pelo clima de intimidade que se formou entre os dois, indagou-lhe:

— Abdiel, crês realmente nestes boatos acerca do profeta?

O homem não esperava ser defrontado diretamente quanto à questão.

O soldado, entretanto, parecia necessitar de resposta que o satisfizesse e depois de hesitar um pouco, falou-lhe:

— Bem, filho... tal pergunta vem a calhar, pois estava justamente a meditar no que disseram meus parentes desde que aqui chegaram, porém, nada posso adiantar-te; - passando a mão pela barba, arrematou: quando puder, verificarei se tais boatos correspondem à verdade que já ouvi de eminentes estudiosos.

— Deixas-me curioso!?! - falou Cornélius, desconhecendo as verdadeiras intenções do estalajadeiro.

Abdiel olhou o soldado. Gostaria de revelar-lhe algo mais, mas deveria guardar sigilo.

O olhar inquisitorial de Cornélius, mesclado de estranha curiosidade, incentivou-o a confidenciar-lhe alguma coisa sobre o que sabia.

Depois de meditar alguns instantes, acabou por confiar naquele soldado da corte itálica.

Nem ele mesmo sabia o que o levava a abrir-se com um romano sobre assuntos, para ele, tão reservados e que pertenciam somente a sua gente.

Movido por misteriosa confiança, começou a narrar-lhe algumas passagens de sua juventude:

Cornélius, filho... considero-te quase membro de minha família, pelo carinho que te devotam meus filhos, principal mente Abigail e David... Contar-te-ei um fato interessante porém, exijo de ti, completo sigilo. Somente se me prometeres, dir-te-ei.

— Tens minha promessa - respondeu-lhe prontamente.

— Bem... Confio em tua discrição...

“... Eu era jovem ainda. Meus pais moravam numa aldeia, nas proximidades de Esdremon. Vivíamos de nosso modesto trabalho. Meu pai dedicava-se à pesca e almejando-me melhor sorte, levou-me a uma comunidade ali perto, para aprimorar minha educação e instruir meu espírito.

Aceito por esta comunidade, mudei-me para as montanhas.

Meu horizonte ampliou-se de tal modo que, como eles, permaneceria o resto de minha vida, não fosse a renúncia imposta pelo seu Código de Moral, para a qual eu não me achava preparado.

A disciplina rígida não me atemorizava, mas a idéia da abstinência sexual me apavorava.

Vivi cinco anos entre os irmãos das vestes brancas, até que um dia apaixonei-me por uma jovem e, decidido a casar-me, não me foi possível acompanhar o ritmo de vida do povoado.

Depois de casado, mudei-me para Jerusalém e fui informado pelos irmãos de Magedo, sobre outro povoado semelhante ao deles.

Assim, encontrei aqui perto, ao sul da Judéia, outra comunidade essênica à qual me filiei. Durante muito tempo, permaneci ligado a eles, trabalhando no cultivo do trigo.

Esta comunidade, nas proximidades do Mar Morto, era menos rígida, aceitava casais, desde que preenchessem os requisitos do seu manual de disciplina. Eu e minha mulher lá ficamos alguns anos, sob a ordem imposta. Depois de certo tempo, ela se cansou daquela vida e nos mudamos, definitivamente, para esta hospedaria que pertenceu a meu pai.

Tenho aqui perto, em Hebron, muitos amigos e sempre os visito.”

Abdiel calou-se, hesitando se devia continuar.

Cornélius não se conteve e lembrou-lhe:

— Mas, o que tudo isto tem a ver com os boatos de Cafarnaum?

— Calma, meu rapaz, já vais saber. Estes pequenos detalhes de minha vida têm muito a ver com os boatos de Cafarnaum...

— Continua então, Abdiel... Estou muito curioso - disse-lhe, Cornélius.

— Conservo desta comunidade os mais belos ensinamentos que já encontrei em toda minha vida, mas nem todos te posso revelar. É como se fosse um compromisso moral e uma condição expressa, o *VOTO DE SILÊNCIO*.

Nada sei, comparando-me aos sábios que lá residem, pois pouco tempo com eles permaneci.

Alguma coisa, porém, posso revelar-te. Não mais pertencço à comunidade, mas é como se pertencesse, uma vez que seus conhecimentos me acompanharão para sempre, onde eu for.

— E como vivem tais pessoas? - perguntou-lhe o soldado.

— Com grande espírito de renúncia - respondeu-lhe Abdiel.

Percebendo a atenção do romano, continuou:

— Os essênios doam todos os seus bens à comunidade e o fruto de seu trabalho, também. Sabem como tratar diversas doenças e são respeitados por todos, porque são imparciais quanto às discussões e cultivam silêncio total. Ouvir e calar, eis o lema da comunidade.

Cornélius calou-se, aguardando a resposta de sua pergunta anterior.

Abdiel tornou a falar:

— Estes boatos de Cafarnaum confirmam os antigos ensinamentos transmitidos aos essênios, através de seus pergaminhos: a vinda do .^es^as^
Eles possuem" métodos eficientes para a previsão de acontecimentos e jamais falham.

— E quais são seus métodos? - interrogou Cornélius, ávido.

— Através do estudo dos astros e suas poderosas vibrações sobre nossa matéria.

— Seus amigos são estudiosos das ciências secretas orientais?

Perguntou-lhe Cornélius que já havia lido algo a respeito.

— Sim, estudam muito e as desenvolvem.

— Quer dizer que estes essênios ousam, então, levantar o

Véu de Isis de que tanto fala nosso Imperador? - disse Cornélius, referindo-se a Tibério e suas idéias esotéricas.

O Imperador, depois de ter estado em terras egípcias, voltara-se para o estudo dos astros e sua influência no destino das pessoas. Tais idéias acabaram por alastrarem-se pelo Império.

— Este é apenas um dos seus métodos, mas existem outros que não posso te revelar.

Abdiel referia-se à comunicação dos espíritos, particularidade resguardada somente aos iniciados.

— Quer dizer que seus amigos essênios confirmam a vinda de um Messias?

— E o que irei saber, assim que puder - segredou-lhe o varão israelita.

— Onde estão os pergaminhos que falam Dele?

— Guardo algumas cópias. Outras são reservadas aos que aceitam a vida essênia e praticam todos seus atos virtuosos. Tais pergaminhos não podem sair da comunidade, jamais.

— Que atos virtuosos são estes, Abdiel? Podes falar-me sem quebrar teu sigilo?

— Sim, a adoração a Deus como espírito, o silêncio total aos profanos, crença na imortalidade da alma, a doação de todos os bens em benefício da comunidade. Não sacrificar os animais. Trabalhar para seu próprio sustento. Auxiliar o próximo, curar os enfermos e crer na ressurreição .

— Assemelham-se aos ensinamentos do profeta, não é verdade? - identificou Cornélius.

— Sim, muito, por isso quero ir à comunidade essênia... - concluiu Abdiel, entusiasmado.

— Dizes que eles guardam silêncio total entre os profanos? - arguiu, ainda, Cornélius.

— Isto significa que não se deve revelar a qualquer pessoa o que se passa em sua comunidade. Aos seus iniciados compete guardar sigilo dos rolos de pergaminhos que contém seus mais profundos segredos.

— Mas, segredo??? Se tu tens tais pergaminhos! - admirou- se o centurião.

— Tenho cópias de poucos. Somente posso transmitir aos meus familiares e amigos os que se referem à moral. Mas, os que vivem na comunidade e obedecem a suas leis conhecem outros que permanecem ocultos aos demais. Eis o que te posso revelar da Fraternidade Branca.

— Agradeço-te imensamente, Abdiel, a confiança em mim depositada Um dia gostaria de visitar teus amigos da Fraternidade Branca - confessou-lhe o centurião.

— Sim, um dia te levarei comigo.

Cornélius não quis mais aborrecer Abdiel com novas perguntas.

A noite já ia alta, ele retirou-se para dormir pensando na vida daqueles homens que se vestiam de branco e viviam nos montes.

A rigorosa disciplina da seita essênia exigia do neófito grandes credenciais para se tornar um deles. Seus candidatos eram submetidos a rigorosos testes e a maioria desistia. Porém, nada os impedia de continuarem a trabalhar na comunidade e dela fazerem parte.

Assim, muitos permaneciam ligados a ela pelos laços de afeto e do trabalho como era o caso de Abdiel.

Mesmo afastados, podiam participar de seus cultos em meio à natureza e transmitirem aos familiares seus conhecimentos, desde que se mostrassem dignos deles, através de discricção e conduta reta.

Desse modo, tornar-se essênio era uma condição expressa de vida, não importando o lugar onde se vivesse.

Abdiel dava-lhes seu testemunho, abrigando essênios, gratuitamente, em sua hospedaria, quando vinham a Jerusalém.

Sua casa, nos meios essênios, era conhecida como um ponto de referência e apoio.

GRUPO DE CRISTÃOS

Depois que seu servo partiu para Roma com a incumbência de preparar sua moradia, Comélius decidiu ir à Jerusalém e colocar alguns de seus homens ao encalço de David, o irmão de Abigail.

As notícias de seu paradeiro eram vagas e imprecisas, talvez, ele estivesse nas planícies situadas além do Jordão... era a única informação obtida.

Agarrando-se a esta pista, foi à procura do ex-companheiro.

Assim, pequena caravana partiu, ao romper da aurora, em direção ao Mar Morto.

Era deslumbrante o espetáculo que se descortinava. Bonitas paisagens desenhavam-se na planície verde e deserta, emolduradas por montanhas alinhavadas mais ao longe... A frescura da brisa e o silêncio da natureza fizeram o centurião sentir-se melhor.

Muitos cristãos haviam se refugiado naquelas paragens e sobreviviam da agricultura e pequenos trabalhos artesanais que vendiam no mercado.

Havia ali um povoado de antigos essênios, agora cristãos, e que continuavam prestando sua ajuda à "coletividade, de forma muito discreta.

Os essênios, muito respeitados, eram procurados por seus conhecimentos de medicina. Viviam discretamente, temendo perseguição.

Neste povoado, Quirílius foi recebido com desconfiança.

Vendo-os chegar, ostentando reluzentes armaduras e montarias, muitas mulheres entraram nas casas, apavoradas, recolhendo as crianças.

Os aldeões temiam nova perseguição, por parte dos soldados. Entre eles, encontravam-se alguns cristãos foragidos da última e cruel proscricção, sofrida em Jerusalém.

Além da perseguição dos soldados romanos, muitos tinham sido apedrejados por fariseus intolerantes que desprezavam seus cultos e abominavam suas práticas caritativas.

Aqueles homens viviam isolados das polêmicas dos fariseus, cultivavam antigos rituais da fraternidade essênia, rezavam em meio à natureza, praticavam a caridade... só que, agora, Jesus era o Mestre deles.

Depois do édito romano que autorizava a prisão de quem se dizia seguidor do Cristo, temiam qualquer soldado armado, tanto da coorte itálica ou herodiana.

Muitos se ocultavam em grutas cavadas nas rochas e encobertas por folhas. Outros se dispersaram pelos montes atrás de aldeias distantes, quando os soldados do Rei invadiram seus acampamentos e destruíram suas casas.

O povoado que restara era muito pequeno e seus habitantes não tinham para onde fugirem. A maioria se compunha de mulheres e crianças que viviam com muita dificuldade.

Depois da morte de Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, em 44, cessaram, um pouco, as perseguições. Eles, timidamente, reconstruíram suas habitações e retornaram aos antigos costumes.

Um homem de cabelos e longas barbas encanecidas, o patriarca da aldeia, corajosamente perguntou-lhes:

— A quem procuras?

Quirílius, observando-lhe a preocupação, quis logo sossegá-lo:

— Estou em missão particular e de paz, não temas.

Desceu do cavalo e aproximou-se do velho.

— Já que vens em missão de paz, centurião, recebe igualmente nossa paz. Mas, a quem procuras em nossa singela aldeia? - interrogou o homem, calmamente.

— Um galileu, da casa de Abdiel Ben Jhamur... Por acaso se encontra refugiado nestas paragens?

O ancião estremeceu, recompondo-se. Conhecia David e sabia que ele era um dos cristãos foragidos de Jerusalém.

Adivinhando no olhar do velho alguma pista e, temendo que a desconfiança pudesse levá-lo a negar a presença de seu cunhado, Comélius afastou-se com ele, para falar-lhe em particular, enquanto seus homens aguardavam.

Outros homens da aldeia, temerosos de alguma atitude contra o ancião, saíram de suas casas e encaminharam-se até eles. A um gesto do patriarca, se detiveram.

Isolados dos demais, Cornélius confessou-lhe:

— Vivi muitos anos em casa de Abdiel ben Jhamur e espousei sua filha Abigail que é irmã do homem que procuro. Preciso encontrar David. Disseram-me que, talvez, ele estivesse morando aqui.

O velho israelita acreditou na sinceridade do soldado e disse-lhe:

— Sim. O filho de Abdiel já esteve aqui. Regressou à Jerusalém e nunca mais soubemos dele. Sua esposa e seus filhos moram aqui e vivem a esperá-lo.

Pouco depois o velho apresentou-lhe a humilde família de David, uma mulher jovem e pobre, acompanhada de três filhos ainda pequenos.

Comélius trocou com ela algumas frases e, compadecido de sua situação, deixou-lhe significativa importância, para suas despesas.

O velho, hospitaleiro, ofereceu-lhe alimentos e frutas frescas. A viagem de volta era longa e já estava escurecendo.

Abinadab convidou-os para pernoitarem ali, e os cavaleiros aceitaram.

Conversando com o patriarca, Cornélius identificou-lhe os modos gentis, parecidos aos da família de Ben Jhamur. Descobriu que essa aldeia essênia se convertera às idéias cristãs, e que os ensinamentos de Jesus eram comentados ao entardecer, juntamente com algumas leituras da “Torah” e rituais essênios.

Enorme felicidade apossou-se do centurião. Ele e seus homens permaneceram ainda por mais dois dias, naquele ambiente hospitaleiro, e calmo.

Aquele velho conhecera, pessoalmente, Jesus e ouvira algumas de suas pregações.

Assentados, observando o crepitar do fogo, Abinadab, o velho israelita, contava-lhes como chegaram ali:

— Tínhamos nossas casas e nos dedicávamos à cultura de figos e tâmaras, até que a caça aos cristãos dizimasse tudo. Incendiaram nossos campos e casas. Tivemos que recomeçar tudo, outra

vez...

Deus, em sua misericórdia, ouviu nossas preces e aqui continuamos. Maior flagelo sofreu o Mestre que expirou numa cruz!...

Relembrou fatos singulares e tristes.

Depois que todos se retiraram, Comélius ficou a sós com Abinadab e conversaram longamente sobre os acontecimentos relacionados com o Messias.

— Os ensinamentos de Jesus de Nazaré suplantam todos os demais. E nossa aldeia teve a felicidade de compreender que Jesus é o Mestre dos mestres. Os que aqui moram, aceitaram sua Doutrina.

— Dissestes bem, Abinadab, a Doutrina de Jesus, crucificado, veio para libertar o homem e não escravizá-lo.

— Como entendes assim, sendo romano?!!! - admirava-se o judeu essênio.

— Enganas-te, amigo, tenho muito que aprender... - falou humildemente o centurião.

Depois de conversarem mais um pouco, cada qual se dirigiu ao merecido descanso.

A ALDEIA CRISTÃ

Na aldeia, em meio à floresta, nascia um olho d'água que formava enorme piscina natural onde os essênios faziam sua higiene. Aquela fonte era utilizada por todos da aldeia.

Mulheres e crianças passavam levando cântaros do precioso líquido para suas casas um tanto assustados com a presença dos soldados.

Muitos essênios se tomaram cristãos e passaram a auxiliar os apóstolos em Jerusalém, no núcleo formado por Pedro.

Nos dias da grande perseguição muitos voltaram e foram seguidos pelos soldados patrulheiros de Herodes. Os que sobreviveram ao cruel massacre, viviam da agricultura e completavam sua renda comum, fazendo potes e cântaros de argila e tecendo mantos e cobertas que vendiam na cidade.

O lugar era agradável e tranquilo.

Cornélius, no dia seguinte, estava totalmente refeito da viagem. Aqueles aldeões lembravam sua família galalaica... Grande saudade invadiu sua alma, inundando-a de tristeza. Fora tão pouco o tempo que dedicara a Abigail, sempre viajando e ocupado... Sonhara envelhecer com ela a seu lado, encher sua casa de filhos... Tudo passara tão rápido! Às vezes, chegava a duvidar de que tudo aquilo realmente havia acontecido, fatos após fatos, e como eram marcantes!

Aquele ambiente fazia-o recuar ao passado.

Sua noite fora povoada de sonhos que mais pareciam realidade, tal a nitidez das imagens de Abdiel, Abigail, seu avô... que se misturavam ao grande Dia do Calvário.

Ao segundo dia de sua estada na aldeia, Abinadab fez-lhe um convite singular, parecendo adivinhar-lhe o estado d'alma.

— Observei meu filho, que estas campinas te refrigeraram a alma, por que não permaneces mais um pouco?

Ele esboçou franco sorriso e, grato ao velho israelita, disse:

— Necessito ir a Roma, onde deixei familiares, minha querida mãe...

— Compreendo - disse Abinadab.

Naquele povoado, Comélius fizera uma análise de sua vida: de que valeria continuar seu trabalho com as armas, se seu coração estava para sempre modificado pelo Amor de Jesus, o doce Mestre!? Queria entregar-se de corpo e alma à conversão daqueles que ainda permaneciam iludidos e indiferentes nos frios cultos politeístas.

Quantos ainda desconheciam a mensagem da cruz!?

Observou a angelical comunidade e desejou com toda sua alma, tomar-se um deles, viver no anonimato e servir ao próximo.

No dia seguinte, deveria partir.

À SOMBRA DOS CARVALHOS

Cornélius acordou muito cedo, dirigiu-se ao lado direito da floresta, assentou-se em baixo de frondoso carvalho, respirando o perfume que exalava das plantas e sentindo muita paz. No nascente, o sol distribuía seus primeiros raios.

Avistou Abinadab que se aproximava, suavemente, assentando-se ao lado. Silenciosamente, ambos observaram os raios solares que surgiam entre a vegetação, ainda salpicada de orvalho. O espetáculo maravilhoso da natureza encheu-lhes os corações de santificada alegria, como se estivessem na presença do próprio Deus.

Parecia que aqueles carvalhos lhes falavam de épocas recuadas e de cultos praticados à sua sombra.

Abinadab quebrou o silêncio:

— Comélius, pressinto para a humanidade grandes lutas... E, neste exato momento, sinto-me levado à presença do Senhor que me pede reter-te, em nosso acampamento, o tempo necessário... O Senhor não quer que te vás, ainda!...

Quirílius ouviu aquelas palavras, emocionado. Percebeu que elas não eram ditas pelo profeta, mas pela visão esbranquiçada que se lhe formava à frente, fazendo-o acreditar-se na presença do Senhor.

Ambos entraram em profundo recolhimento espiritual, aguardando ainda alguma outra manifestação.

Nada mais aconteceu e Cornélius decidiu aceitar aquele amoroso convite.

Despachou seus homens para Jerusalém, dizendo-lhes que ficaria naquele povoado, por volta de uma semana.

Deu-lhes algumas ordens e dinheiro. Recomendou-lhes sigilo sobre sua viagem. Os dois partiram, para regressarem, no dia estipulado.

Gornélius passou a observar o procedimento dos aldeões liderados por Abinadab e com certa curiosidade acompanhou seu ritual.

Os essênios viviam segregados das outras pessoas, apesar de lhes prestarem grande auxílio. Mas, os discípulos de Jesus, liderados por Pedro, continuavam em plena atividade junto à coletividade, na Casa do Caminho.

Certa hora, o centurião não se conteve e falou para Abinadab:

— Abinadab, o Mestre trouxe uma nova mentalidade para os povos e fez questão de unificar os corações em torno de seu infinito amor. Dia virá em que seus ensinamentos tomar-se-ão leis. Por isso seus discípulos já começaram a grande caminhada.

— Tu falas uma grande verdade, Comélius!

— Mas, enquanto houver a segregação das seitas, causando a separação dos ideais, mesmo crendo Nele creia... não estaremos igualmente dificultando a Grande Jornada?

Abinadab tornou-se vermelho, compreendendo a indireta do valoroso centurião.

Grande silêncio aguardava a resposta.

Depois de alguns instantes o essênio falou-lhe:

— Compreendo Cornélius... Compreendo, mas é necessário que hajam os jritugjs para chamarem a atenção das pessoas.

Cornélius, percebendo o ponto de vista de seu gentil hospedeiro, ainda tentou esclarecer aqueles impasses que atormentavam Pedro e os outros discípulos, principalmente Thiago, na Casa do Caminho.

— Abinadab, o ensinamento do Mestre é único, verdadeiro e suplanta os demais.

Abinadab percebeu estar diante de uma fé tão sólida e despojada de preconceitos que começou a prestar mais atenção às palavras do centurião, postado à sua frente, humildemente.

Não tinha dúvidas, ali estava um homem de bem, um valoroso soldado que fora chamado ao serviço do Mestre.

Lágrimas corriam dos olhos do velho essênio, ele teria muito a aprender, com aquele homem.

“Onde o vira?”

Procurava nos refolhos de sua memória, descobrir onde vira aquela fisionomia que lhe parecia tão cara.

Assim, ambos trocaram importantes idéias quanto à nova fé e o reinado de Jesus na Terra.

Foi com íntima alegria que observou algumas mudanças no culto daqueles essênios, liderados por Abinadab.

Durante sua permanência no povoado, Cornélius cooperava fazendo alguns serviços de lavoura.

Ele, um centurião, convertido ao amor de Jesus ali trabalhava como um simples aldeão.

O velho israelita vendo-o ocupar-se em limpar um vinhedo próximo à casa, disse-lhe:

“– Cornélius, irás começar teu apostolado.”

O homem parou para ouvir a inspiração que, novamente, tomava conta de Abinadab.

Por isso, ele o retivera ali.

A visão daquele velho patriarcal e sábio, certamente, teria um motivo inteligente.

Assim, Abinadab continuou, sem se dar conta do fenômeno:

“– Não serás compreendido pela maioria dos homens. Vejo muitas lutas sangrentas e cruéis perseguições a todos que operarem em nome de Jesus de Nazaré. Mas, contarás com muitos corações sinceros que, no futuro te agradecerão e serão teus colaboradores efetivos. Serás o porta-voz de grandes ensinamentos do Mestre que farão a humanidade caminhar mais rápido para a regeneração.

Muitos que, hoje, seguem as pegadas do Mestre, haverão de se desviar do roteiro que Ele traçou. Se permaneceres com Ele, agirás, por Ele no momento exato e levarás o consolo a muitos povos. Todas as nações o conhecerão, porém, num futuro remoto.

O Cristo apesar de aceito, ainda não será entendido por todos. Haverá lutas e dores. Muitos empunharão a espada em forma de cruz, esquecendo-se da figura do Cristo crucificado que pediu perdão. Usarão seu símbolo para matar e dominar. Suas palavras de vida eterna cairão no esquecimento.

Os ritnajs continuarão

Noite de sombra descera sobre a humanidade.

O Consolador jamais abandonará os que persistirem no roteiro traçado por Ele.

Templos serão erguidos e seu ouro reluzirá na glória passageira dos homens, enquanto muitos "filhos do calvário" passarão pela terra, no anonimato.

Os altares de pedras, frios e indiferentes ao sofrimento da humanidade, permanecerão distantes de sua verdade que não dispensa a simplicidade.

O verdadeiro altar estará erigido no coração de cada filho do calvário.

Vejo ainda, uma bandeira branca hasteada, lembrando os ensinamentos do Mestre, assinalando o começo de uma nova etapa que abrirá novos horizontes para os povos.

Antes que a nova mentalidade esteja definitivamente escrita no pensamento dos homens, haverá grandes sofrimentos.

Cidades que hoje ostentam luxo e poder transformar-se-ão em cinzas. E o mesmo Templo que condenou o Mestre, brevemente se transformará em ruína e pó.

Assistirás ao extermínio de valorosos emissários que deram sua vida em nome da Verdade.

Tempestades de fogo transformarão as cidades em cinza, dizimando populações inteiras. Essas calamidades serão provocadas pela insanidade dos homens.

Mas, tu filho, converterás muitos ao ensinamento de Jesus e eles se multiplicarão para a glória de Deus.

A mensagem do Evangelho Redentor, através de ti e de tantos mais obstinados trabalhadores, alcançará, com a rapidez do relâmpago, os centros de irradiação mais importantes.

Vai, filho querido, segue destemido teu caminho!

O soldado de Deus jamais estará só.

Roma te aguarda.

Encontrarás na casa dos cézares muitas ovelhas perdidas que a ti estão reservadas e terás a missão de conduzi-las ao aprisco do Senhor.

Portanto, filho amado, tudo passará menos as Palavras de Vida Eterna que são a Verdade!”

Abinadab havia entrado em êxtase, estava lívido, muito lívido...

Cornélius ouvia-o, atenciosamente, sem perder nenhuma palavra.

Vendo que havia terminado, tentou despertá-lo daquele transe mediúnico:

— Abinadab, Abinadab! - chamou-o.

— Que aconteceu? - perguntou o velho, ignorando o que ocorrera.

Fora instrumento de uma grande profecia.

Cornélius entendeu que suas palavras traduziam um aviso que o amoroso Mestre lhe destinara.

Conduziu Abinadab a um tronco de madeira próximo e depois de fazê-lo assentar e disse-lhe:

— Louvada seja tua palavra, Abinadab... O Senhor espera de nós sempre o melhor, como nós esperamos que Ele sempre nos atenda...

— Por que me dizes isto, Quirílius? - interrogou o velho, sem compreender o motivo daquelas palavras.

— Porque acabaste de ser portador de um enviado do Mestre para me traçar um roteiro. Agora, Abinadab, reconheço o motivo de me teres retido aqui. Seguirei o Mestre, como o estão fazendo Pedro, João, Thiago, Matheus, Paulo e os outros. Não tenho mais tempo a perder.

— Espera, filho... Se um Santo Espírito te deu um roteiro... Serás, para todos, um verdadeiro pai, e ensinarás tudo o que souberes para lhes clarear os caminhos. Serás um dos mensageiros de Jesus.

Cornélius, emocionado, acompanhou o velho rumo à piscina de água natural para se refrescarem do calor.

Sua maior emoção era a de ter recebido o título de apóstolo de Jesus, por quem daria sua vida, se preciso fosse.

Depois retornaram ao povoado. Cornélius substituíra a armadura por uma túnica que lhe ofertara Abinadab.

Não se parecia mais com um soldado romano, símbolo do

poder.

— Agora, tu és um dos nossos, João! - disse sorrindo Abinadab.

Assim passou a ser chamado pelo velho essênio cristão.

Antes que seus homens regressassem, Cornélius teve tempo de aprender o uso das plantas e ervas medicinais e seus poderes curativos, como magnetizar-a água para que se tornasse remédio, prática utilizada pelos essênios.

— João, vê esta fonte lustral. Com o poder de tua vontade e de tuas orações, transformarás a água retida num cântaro, na linfa capaz de purificar qualquer organismo infecto. Tuas orações, no silêncio de tua alma, atrairão as entidades que virão te ajudar. Nunca estarás sozinho porque, dentro de teu coração, estará o Pai glorificado de Jesus!

Na pureza de tuas intenções, cultivarás o Amor totalmente desprendido e o ensinarás a todos que de ti se aproximarem, não importando as intenções de cada um. Valerá a tua intenção de ajudar, em nome de Jesus de Nazaré, todo aquele que almejar ser seu discípulo.

Muitos outros ministérios Abinadab passava ao centurião, preparando-o para sua longa trajetória. Cornélius sentia que entre ele e aquele velho havia uma identificação de vidas pregressas. Todas as vezes que se encontravam à sombra dos carvalhos, ele divisava outros companheiros, seres imateriais que deles se aproximavam, talvez para instruí-los.

E, nada do que Abinadab lhe falava era novidade para ele, todos aqueles ensinamentos lhe pareciam muito familiares.

A DECISÃO

Cornélius e Abinadab ouviram um tropel.

Eram seus soldados que regressavam.

Estranharam os trajés do centurião, a barba cerrada por fazer... O mais velho dos dois, perguntou-lhe, apreensivo:

— Não voltarás para o acampamento, comandante?

Foi, então, que souberam de sua grande decisão.

Depois de conversar longamente com os dois soldados romanos, ouviu do mais jovem:

— Senhor, quero servir-te, não importa como e nem onde e ali mesmo, num gesto de profunda humildade, começou a desatar sua armadura.

A atitude do rapaz comoveu Cornélius que, recordando-se da magna bondade de Jesus, disse, sorridente:

— Adriano, não me chames Senhor, porque Senhor é somente aquele que foi imolado na cruz, chama-me de pai. Agora, meu filho, me acompanharás mas, não tires tua armadura, porque não podemos prescindir da autoridade a ti confiada como soldado do Império. O caminho é longo e precisamos alcançar os postos de volta sem chamarmos a atenção e colocar nossas vidas em risco. Quando voltarmos a Cesaréia, deixaremos por escrito nossa decisão.

O moço obediente, recompôs seu traje.

Com pesar, deixaram o povoado.

O reinado de Cláudio conferira-lhe a grande oportunidade de sair do exército e regressar a sua Pátria.

Depois da Morte

Léon Denis

Um pouco antes da era atual, à proporção que o poder romano cresce e se estende, vê-se a doutrina secreta recuar, perder a sua autoridade. São raros os verdadeiros iniciados. O pensamento se materializa, os espíritos se corrompem. A Índia fica como adormecida num sonho: extingue-se a lâmpada dos santuários egípcios, e a Grécia, assenhoreada pelos retóricos e pelos sofistas, insulta os sábios, proscreeve os filósofos, profana os Mistérios. Os oráculos ficam mudos. A superstição e a idolatria invadem os templos. E a orgia romana se desencadeia pelo mundo, com suas saturnais, sua luxúria desenfreada, seus inebriamentos bestiais. Do alto do Capitólio, a prostituta saciada domina povos e reis. César, imperador e deus, se entroniza numa apoteose ensanguentada!

Entretanto, nas margens do Mar Morto, alguns homens conservam no recesso a tradição dos profetas e o segredo da pura doutrina. Os essênios, grupo de iniciados cujas colônias se estendem até ao vale do Nilo, abertamente se entregam ao exercício da medicina, porém o seu fim real é mais elevado: consiste em ensinar, a um pequeno número de adeptos, as leis superiores do Universo e da vida. Sua doutrina é quase idêntica à de Pitágoras. Admitem a preexistência e as vidas sucessivas da alma; prestam a Deus o culto do espírito.

Nos essênios, como entre os sacerdotes de Mênfis, a iniciação é graduada e requer vários anos de preparo. Seus costumes são irrepreensíveis; passam a vida no estudo e na contemplação, longe das agitações políticas, longe dos enredos do sacerdócio ávido e invejoso.

Foi evidentemente entre eles que Jesus passou os anos que precederam o seu apostolado, anos sobre os quais os Evangelhos guardam um silêncio absoluto. Tudo o que indica: a identidade dos seus intuitos com os dos essênios, o auxílio que estes lhe prestaram em várias circunstâncias, a hospitalidade gratuita que, a título de adepto, ele recebia, e a fusão final da ordem com os primeiros cristãos, fusão de que saiu o Cristianismo esotérico.

Ensaio Sobre a Reencarnação

Djalma Farias

Somente João Batista batizava e se o Mestre se submeteu a essa prática, deixando-se batizar por João, fê-lo tão somente por um princípio de submissão e humildade, e também para não atrair publicamente com o precursor, que o anunciara e o apresentara. O batismo não foi instituído por João; alguns povos antigos adotavam essa prática.

Entre muitos há sinais evidentes dessa formalidade de iniciação religiosa.

Os essênios usavam-na como uma instituição ou um compromisso.

E não foi senão por isso que João batizou publicamente todos quantos se mostrassem arrependidos de suas faltas.

Dizendo que era preciso renascer da água e do espírito, Jesus não aludia absolutamente ao batismo.

É fácil entender o sentido desse ensinamento, reportando- nos à significação primitiva do termo “*ápug*”. A ciência antiga explicava que havia quatro elementos primitivos: o ar, a água, a Terra e o fogo.

Da combinação desses elementos surgiam todas as coisas do Universo.

A água era considerada, naquele tempo, o elemento gerador de tudo, a causa primária material de todos os corpos. É por isso que o Gênesis fala-nos a respeito da água como elemento gerador absoluto, dando origem a todos os seres vivos.

Estudos Espíritas do Evangelho

Therezinha Oliveira

Essênios: Era uma associação religiosa. Tinham por finalidade a busca de Deus através da lei de Moisés e da prática das virtudes (verdade, humildade, justiça, caridade etc.)

Formavam uma verdadeira ordem, com superiores, noviciado e votos (entre os quais o do celibato) e praticavam a comunhão de bens.

Reuniam-se para a oração, leitura e comentários dos livros sagrados.

Ultrapassavam em rigor os próprios fariseus observando o sábado de uma maneira total, multiplicando as abluções.

Suas doutrinas eram muito diferentes das do judaísmo oficial; para eles, a alma, já existente antes do corpo, recolhia-se provisoriamente no corpo antes de regressar ao anterior estado. Não praticavam nenhum sacrifício de animais, pois nada mais era preciso que a religião interior. As comunidades essênias estavam dispersas por várias aldeias; a principal (com 4 mil homens) encontrava-se no oásis de Engadi, não longe do Mar Morto.

Só em 1947 veio à luz a vida interior desses mosteiros pré- cristãos, com a descoberta dos livros de orações e dos pergaminhos do Antigo Testamento, nas cavernas de Qumran.

O Cristianismo do Cristo e dos seus Vigários

Padre Alta

Voltemos, porém, ao Evangelho. “Deus é amor. A lei total é o amor.”

A este proposito não se vos apresenta uma dupla questão:

1.^a " Se esse ensinamento Jesus não o recebeu do Judaísmo, “que odiava o genero humano”, como diz Tácito; se, tampouco, o colheu do Paganismo Romano – ah! o espírito

romano o tem por demais demonstrado, desde que entrou a dominar na Igreja Latina – onde então hauriu ele semelhante ideia?

2ª Que é o que Jesus entende por amor?

1.º Onde aprendeu Jesus a Religião do amor?

Ao que me parece, constitue verdadeira fraqueza de espirito não se querer ou não poder compreender que há Espíritos superiores. Não! não levemos, minhas Senhoras e meus Senhores, o espirito discipular ao extremo de negar que um homem de genio possa ter idéias que lhe não hajam vindo de um mestre, de uma tradição anterior. Se somos capazes de raciocinar, indo, no passado, de um mestre ao mestre desse mestre e, assim, até ao começo de uma idéia neste mundo, forçosamente teremos de chegar a um primeiro mestre, em quem primeiro surgiu tal idéia e que de nenhum outro a recebeu. E' por isso que a Razão nos afirma a existência de um Primeiro Mestre, que é o proprio Deus, o Pensamento Divino, o Verbo Divino, o Logos, como lhe chamam S. João e Plótino. E o Evangelho do Espirito afirma que foi esse Verbo Divino, esse Logos que incarnou em Jesus e ensinou a Jesus o que nenhum mestre lhe podia ensinar. Tal a unica certeza. Quanto á educação de Jesus até á idade da sua manifestação, nenhum documento em parte alguma existe, nem entre os Judeus, nem entre os índios, que possa fazer supor tenha ele frequentado a escola dos Budistas, ou, mesmo a dos Essenios.

Digo – “documento”. A Escola documental sae do suas atribuições, quando pretende imiscuir-se nas questões de idéias: falta-lhe o senso filosofico e, ainda mais, o senso mistico. Quanto, porém, ás questões de facto, essa Escola tem razão: em se tratando de factos materiais, positivos, históricos, só têm valor serio os documentos públicos, ou, pelo menos, verificáveis.

A que as Escolas Esotéricas conservem secretamente doutrinas científicas, filosóficas e místicas, nenhum homem sensato pode fazer objeção alguma, porque certos conhecimentos ultrapassam em absoluto o comum dos Espíritos, o comum dos fieis e mesmo dos padres, como o demonstra a inepta compreensão que têm dos mistérios e dos sacramentos, e também porque certas ciências, certas manipulações científicas podem constituir um perigo social, quando postas ao alcance de qualquer um, conforme ainda recentemente o provaram o emprego de certos explosivos e o uso de certas armas por bandidos de profissão. Ao demais, o discípulo, a quem tais tradições forem ensinadas, poderá sempre verifica-las, quer pela experimentação, quando se trate de fisico-quimica, quer pelo raciocínio, quando se trate de filosofia. Mas, a afirmação de um *facto*, qualquer que ele seja, não deve ser aceita, quando apenas baseada em tradições *ocultas*, isto é, em testemunhos que se não podem comprovar. Se, pois, me invocarem uma tradição oculta para afirmar que Jesus recebeu dos Budistas ou mesmo dos Essenios a iniciação, a minha razão, confesso-o, não ligará mais importância á semelhante afirmação, do que ás fantasias dos falsos gnosticos do século III ou dos agnósticos do século XX.

Com efeito, a quem quer que haja lido o Evangelho, patente se tornará a diferença entre a doutrina de Jesus, toda de atividade e de devotamento pratico, entre as suas teorias sociais, absolutamente transformadoras, e a resignação e a inércia dos Duristas. Tanto assim é, que o livro de Delaunay, “Monges e Sibilas”, embora muito entusiasta dos Essenios e dos Terapeutas, nenhuma dúvida permite sobre a independencia e a transcendentalidade do Cristo Jesus, em face dessa escola de simples solitários. A Epistola de S. Paulo aos Colossenses, nos capítulos I e II, e a Epistola a Tito, cap. III, v. 9, indicam, afinal, muito nitidamente a luta inicial da independencia cristã contra as servidões particulares que o Essenismo acrescentara ás exigências do Judaismo, contra o culto dos

espíritos, contra todas as genealogias de anjos e de mundos, que as Epístolas a Timotheo qualificam pouco amavelmente (18), contra a superstição que os Essênios ligaram á invocação de tais e tais nomes misteriosos, contra a pesquisa desequilibrante, empreendida por eles, das visões espirituais ou astrais (19).

(18) 1ª a Thimotheo, I, 4; IV, 7 - 2ª Epist., IV, 4

(19) Veja-se: Duchesne, *História antiga da Igreja* tomo I 2ª edição. Pág.71, nota.

Não, de ninguém deste mundo, mas tão somente de Deus recebeu o Cristo Jesus a doutrina fundamental do Novo Testamento: “Deus é amor. A lei total é o amor”.

2.º Que é então o que Jesus entende por “amor”? Que é “amor”, no sentido cristão desse termo?

“Amo”, em latim, se diz *Amo*, que é uma abreviação de *A me o*: “saio de mim”.

Sair de si é, com efeito, o contrario, precisamente, do Egoísmo, que só em si pensa, que tudo chama a si.

Mas, em saindo de vós, muitos caminhos se vos deparam abertos: á vossa frente, atrás de vós, á direita, á esquerda. Formular-vos-ei a pergunta que serve de titulo a um livro e a um drama que conheceis: “*Quo vadis?* Aonde vais?”

Do ponto de vista moral, que é também o ponto de vista religioso, todas as sendas, todos os caminhos se reduzem a dois: para cima e para baixo, o que nos eleva, o que nos rebaixa; o da perfeição, que sobe sempre, e o do aviltamento, que desce para a besta. O bem é muito simplesmente, tudo o que nos eleva; o mal é tudo o que nos abaixa, seja uma honra, seja um prazer.

Entendei-me bem: falo da *alma*, não apenas da inteligência; não falo somente de *saber*, falo de *amar*. Considero verdadeiramente incompletos os puros intelectuais, que pretendem desenvolver o homem truncando-o, que o querem engrandecer amputando-o, completa-lo suprimindo-lhe a metade do ser. O espirito não consiste em não amar: uma alma humana dotada exclusivamente de inteligência e desprovida de sentimento é tanto o ideal da perfeição, quanto, exatamente, um corpo humano dotado de cerebro, mas destituído de coração. Tende o coração á direita, se puderdes, porém, tende um coração. Toda a questão está em saber para onde vos leva o vosso coração, em que caminho lhe proporcionareis uma satisfação: se no de cima, se no de baixo.

O Cristianismo está de acôrdo com os intelectuais, quando eles se esforçam por desviar das paixões e das satisfações grosseiras a Humanidade. Não ensina, porém, que a vida consiste em cada um se atrofiar a si mesmo, em suprimir o gosto, o gozo do Verdadeiro, do Belo, do Bem e em contentar-se com a idéia abstrata: “Tende o gosto das coisas celestes, prega o grande apóstolo, tende *entranhas* de misericórdia (20)!” E, noutro passo, ele estabelece nitida distinção entre o sentimento e a inteligência (21). Com efeito, o haver gozos inferiores não prova a inexistência de gozos superiores, que verdadeiramente elevam a alma para o Céu. Os prazeres terrenos são um gozo, como a chama de certos petroleos é luz, embora com a composição dessa maquina a que damos o nome de lampada e embora muitas vezes cheire mal. A luz do sol, entretanto, não tem os mesmos defeitos. Não compreendo muito bem porque seria um vicio amar á luz e ao calor do sol; amar aos esplendores da Natureza. S. Francisco de Assis faz côro com Jesus Cristo, quando canta “os Laudes das criaturas” e se deleita em pregar aos passaros. Quem haja lido o Evangelho se lembrará da simpatia com que Jesus fala dos lirios do campo e dos passaros do céu. Toda essa transcendência de certos doutrinadores que nos pregam o desprendimento absoluto com relação a tudo o que não seja o nosso “eu divino”, outra coisa não é senão

orgulho transcendente. Não! nenhum *eu*, se basta a si mesmo, nem mesmo Deus, o infinitamente perfeito. A prova é que Deus, por necessidade de amar, criou a Natureza e todos os seres da Natureza.

(20) *Epístola aos Colossenses, III, 2, 12.*

(21) *1ª Epíst. Aos Corint., XIII, 11*

O ideal dos destruidores do Desejo, dos pregadora da Indiferença absoluta seria a natureza mineral, a hulha ou o ferro. Pode-se preferir que a hulha se torne calor e luz, em vez de conservar-se negra e fria. Do mesmo modo, para que com os metais se façam obras darte, é preciso que o fogo os funda, revolva e transforme, sem que isto suprima a intervenção do espírito, pois, ao contrario, demonstra que a idéia não é tudo, que cumpre se lhe adicione a ação vital. Essa a Lei Universal. Assim, embora o Cristo do Evangelho do Espírito seja o Logos, a Idéia e a Inteligência divinas, ele é também o Amor o o predicante do Amor. Não foi a Luz, diz S. João, o que ele veio trazer á terra: “A Luz começou na terra desde que na terra começou a Vida *et Vita erat lux*, se bem ela brilhasse na Treva e a Treva não a compreendesse (22).” Mas, á vida egoistica e inconsciente deste mundo veio Jesus trazer o fogo celeste do amor, que só ele pode revolver, fusionar, harmonizar e beatificar a vida, a principio inconciente, depois egoista, desordenada e dolorosa, da pobre Humanidade terrena: “Vim trazer este fogo á terra, diz Jesus, e quero que ele aí se acenda (23).” Mas, esse fogo, o do Amor, que Jesus Cristo vem acender, não é, repito, o amor feito de volúpia sensual, que a Humanidade já conhecia de sobra, ah! desde a sua queda na Matéria e que os Gregos adoravam sob o nome sedutor de *Eros*. Não! é o Amor que purifica, que purifica pelo sofrimento, se for preciso, porquanto, amar, como Jesus Cristo nos amou, amar com verdadeiro amor, não apenas egoistico, é devotar-se, bem o sabeis, não é? minhas Senhoras, é sofrer por dar a vida, é sofrer por aqueles a quem se ama e, ás vezes, em lugar deles. Cer tamente, esse amor é puro, é santo, como o afirma o proprio nome que o Evangelho lhe dá: *Agapê, Ayann*, de *aiyíoç*, que significa pureza, e *áneíui*, que significa a dação de si, o altruísmo.

(22) João, I, 4, 5, 9 e 10

(23) Lucas, XII, 49

Tal, verdadeiramente, a Nova Lei, tal, verdadeiramente, o Cristianismo. Bem muito antes de Jesus Cristo, o Budismo, no Oriente, pregara a resignação e o Helenismo, no Ocidente, propagara o amor do Belo. São essas, sem dúvida, belas doutrinas, porém parciais, incompletas. A primeira é um raio de sol poente, melancólico reflexo de um crepúsculo sobre a imprecisa paisagem da tarde, prestes a imobilizar-se na noite e a se povoar de devaneios astrais. A segunda, uma volúpia aristocratica, somente acessível, como as curiosidades dos Mistérios, a alguns raros intelectuais. Jesus nada suprime dos ensinios de beleza, nem de virtude, que o precederam. Apenas lhes assinala as insuficiências: *Hoec oportuit facere, et illa non omitttere*. “Isto não devia fazer olvidar aquilo.” – diz ele (24).

(24) *Mateus XXIII, 23 - Lucas XI, 42.*

O que por toda parte fôra omitido, o que ele veio ensinar, ele, Sol de Deus, não simples raio; ele “Sol de Justiça”, como lhe chama o ultimo dos profetas hebreus (25), foi que o objetivo da Luz é a Vida, á qual toda luz tem que voltar, porque dela emanou: *In ipso Vita erat et Vita erat Lux* (26). A essencia de Deus não é a Inteligência; a Inteligência supõe um sêr vivo; a Inteligência é a fôrma segunda; a Vida é que é a forma primeira. Por

isso, quando o Evangelho diz que Deus é Espírito (27) não entendemos a palavra “espírito”, como a tomam em geral, no sentido de inteligência; tampouco assim o entendemos, quando Jesus Cristo, no fim da sua vida terrena, repete incessantemente que enviaria o Santo Espírito a seus discípulos, depois que houvesse desaparecido no Invisível. Em latim e em grego, como em hebreu, as palavras que traduzimos por “espírito”, *Spiritus*, não significam “inteligência”; significam “sôpro vital”, “vida”. Daí vem que Jesus, qualificando ele proprio o seu messianato, diz: “Vim para que a Humanidade tenha a vida, a vida superabundante.” – *Ego veni ut vitam habeant et abundantius habeant* (28).

(25) Malaquias, IV, 2

(26) João, I, 4.

(27) João, IV, 24.

(28) João, X, 10

Ora, a vida superabundante não é a vida intelectual, mas a do amor. “Deus é amor”, repete incessantemente o Evangelista do Espírito: “Não imagine, portanto, que vive aquele que não ama: está entre os mortos! *Qui non diligit manet in morte* (29).” Eis aí porque Jesus, Verbo de Deus incarnado, tudo vê do ponto de vista da Vida, não apenas da Vida intelectual, isto é, da Vida conciente de si mesma, mas da Vida criadora de vida. E’ nessa Luz de Vida que ele vê todos os sêres e a todos ama: aos que são bons e belos, pela bondade e pela beleza que adquiriram; aos que são feios e maus, para que deixem de o ser; a todos, para que cada vez mais perfeitos se tornem . Porque, o a que, em estilo moderno, chamamos “evolução” outra coisa não é senão o aperfeiçoamento indefinido que os apóstolos pregaram: “ Torne-se ainda mais justo aquele que já o é.” *Et qui justus est justificetur adhuc*, prega o autor do Apocalipse (30). E, para indicar aos que são capazes de compreender – *Qui legit intelligat* (31) – que uma só vida humana não é o limite da evolução das almas, Jesus (32) não assina ao nosso aperfeiçoamento outro limite que não o ilimitado, a perfeição infinita de Deus: *Estate ergo vos perfecti sicut et Pater vester coelestis perfectus est*. Vê-se que ele abre assim, diante de nós, os longes do tempo e do espaço.

(29) 1º João III, 14; IV, 8.

(30) Apocalipse XXII, 11

IX - Cristianismo e Ocultismo

Por isso, em verdade, os mediocres fazem sorrir aquele que sabe, quando os vê querendo à viva força que Jesus tenha aprendido a ciência divina na escola dos Budistas, dos Parsis, ou pelo menos, dos Essênios (3)

(3) E o primeiro instrutor que introduziu no mundo a ciência transcendente, ou uma ciência qualquer, com quem a aprendera, sendo o primeiro que a soube?

O Redentor

Edgard Armond

Capítulo 13 - A FRATERNIDADE ESSÊNIA

Quando o Governador Planetário encarnou como Jesus de Nazareth, para sua imortal missão sacrificial, outros espíritos, devidamente qualificados, desceram também para auxiliá-lo e preparar-lhe os caminhos. Assim, os familiares, os discípulos, os apóstolos...

Uma das mais marcantes dessas tarefas coube à Fraternidade dos Essênios, que o amparou desde jovem até os últimos instantes de sua tarefa redentora.

João Batista era essênio e, quando desceu para as margens do Alto Jordão, vindo do Mosteiro do Monte Hermon, na Fenícia, para dar cumprimento à sua tarefa de Precursor do Messias, fê-lo atendendo ordens que de há muito aguardava, esperando a sua vez.

Detentores, há séculos, das tradições de sabedoria herdadas dos antepassados, conservavam os essênios, em seus mosteiros nas montanhas palestinas, fenícias e árabes, arquivos preciosos e conhecimentos relacionados com o passado da humanidade; e assim como a Fraternidade dos Profetas Brancos, na legendária Atlântida, apoiou os Missionários Anfion e Antúlio, que ali encarnaram, e a Fraternidade Kobda apoiou os que difundiram as verdades espirituais no Egito e na Mesopotâmia, assim, eles, os Essênios, apoiaram a Jesus, na Palestina.

Conquanto menos numerosos, segundo parecia, seu número entretanto não era conhecido com exatidão e, se muito reduzida era sua influência nas rodas do Governo, muito profunda e ampla era a que exercia no seio do povo humilde, em toda Palestina, onde eram considerados sábios e santos, possuidores de altos poderes espirituais.

Viviam afastados do mundo, como anacoretas, em mosteiros e grutas nos alcantilados circunvizinhos, porque discordavam dos rumos que o clero judaico imprimira aos ensinamentos mosaicos dos quais eles, os essênios, eram os herdeiros diretos e possuíam arquivos au-

Segundo eles, as virtudes e a conduta reta dependiam da continência e do domínio das paixões inferiores. Abstinham-se do casamento e adotavam crianças órfãs como filhos. Viviam em comunidades, desprezando as riquezas, as posições e os bens do mundo. Exigiam a reversão dos bens pessoais à Ordem, por parte dos que desejavam ingressar nela.

Vestiam túnicas brancas ou escuras e quando viajavam não carregavam bagagem nem alforjes, roupas ou objetos de uso porque, por todos os lugares por onde andassem, encontrariam acolhimento por parte de membros da Ordem. Esta exigia que em todas as vilas e cidades houvesse um membro da Ordem denominado – O Hospitaleiro – que providenciava a hospedagem dos itinerantes, provendo-os do necessário. Havia cidades como por exemplo, Jericó, onde grande parte da população pobre e de classe média era filiada a essa Fraternidade.

Os essênios entregavam-se francamente e com a máxima dedicação à prática da caridade ao próximo, mantendo hospitais, abrigos, leprosários, etc., assistindo os necessitados em seus próprios lares, adotando crianças, como já dissemos, mantendo orfanatos, no que, pode-se dizer, agiam como precursores dos futuros cristãos dos primeiros tempos.

Na comunidade, trabalhavam ativamente em suas respectivas profissões e tinham pautas de trabalho a executar periodicamente, fora ou dentro das organizações da Ordem, em bem do próximo.

Não comiam carne, não tinham vícios e viviam sobriamente.

Os que revelavam faculdades psíquicas eram separados para o exercício do intercâmbio com o mundo espiritual e ao exercício da medicina, empreendendo estudos

adequados e viajando diariamente por muitos lugares, sob a designação de terapeutas, em cuja qualidade consolavam os famintos, curavam os doentes, espalhando as luzes das verdades espirituais e as práticas do atendimento contra obsessores, como hoje em dia são popularizadas pelo Espiritismo.

Entre eles havia uma hierarquia altamente respeitada, baseada no saber, na idade e nas virtudes morais, cuja aquisição era obrigatória para todos os filiados à Ordem.

No primeiro ano da iniciação, os aprendizes eram proibidos de praticar suas regras na vida exterior, no lar ou na sociedade a que pertenciam; ao fim desse primeiro ano começavam a tomar parte em alguns atos coletivos, exceto as refeições em comum, às quais só poderiam comparecer dois anos mais tarde, após darem garantias seguras sobre a pureza e a retidão de suas ações, seu espírito de tolerância e sua castidade probatória. No ato da aceitação assumiam o compromisso de servir a Deus, observar a justiça entre os homens e jamais prejudicar o próximo sob qualquer pretexto; apoiar firmemente os que observavam – as leis e de agir sempre com boa fé e bondade, sobretudo em relação aos dependentes e servos, “porque o poder” – diziam eles – “vem somente de Deus”. Ao desempenharem qualquer cargo de autoridade, deviam exercê-lo sem arrogância e orgulho e jamais tentar distinguir-se dos outros pela ostentação de riqueza, ornamentos e vestuários; amar a verdade e jamais criticar ou acusar alguém, mesmo sob ameaça de morte.

Para julgar uma transgressão grave exigiam a reunião de, pelo menos, cem membros adultos, porque a condenação implicava na eliminação das fileiras da Ordem, à qual o faltoso só podia volver após duras e longas expiações e purificações físicas e morais.

Na hierarquia espiritual, após o nome de Deus, o de Moisés era o que merecia maior veneração.

No terreno filosófico ensinavam que o corpo orgânico era destrutível e a matéria transformável e perecível, enquanto que as almas eram individuais, imortais e indestrutíveis, por serem parcelas infinitesimais do Deus Criador e uniam-se aos corpos como prisioneiras, por meio de uma substância fluídica, oriunda da vida universal, que constituía a vida do próprio ser (perispírito).

Após a morte, as almas piedosas habitariam esferas felizes, enquanto que as ímpias eram relegadas a regiões infernais.

Como se vê, difundiam ensinamentos concordantes com a tradição espiritual que vinha de milênios e em muito pouco diferiam daquilo que se ensina hoje nas comunidades espiritualistas.

É sabido que João Batista era essênio, como essênio eram José de Arimathea, Nicodemo, a família de Jesus e inúmeros outros que na vida do Mestre desempenharam papéis relevantes, como também o próprio Jesus que conviveu com essa seita, frequentando assiduamente seus mosteiros, enterrados nas montanhas palestinas, onde sempre encontrava ambiente espiritualizado e puro, apto a lhe fornecer as energias de que carecia nos primeiros tempos da preparação para o desempenho de sua transcendente missão.

Mas observe-se que os evangelistas e os apóstolos em geral, como também Jesus, Ele mesmo que, frequentemente, se referia a escribas e fariseus, todos guardaram silêncio a respeito dos essênios, não somente sobre fatos, episódios, circunstâncias quaisquer em

que estivessem presentes, participando, mas nem mesmo sobre a existência deles; mas isso se explica porque, sabendo que a comunidade dos essênios merecia a hostilidade do clero judaico, que a considerava herética e rebelde, queriam evitar que sobre ela se desencadeassem maiores perseguições.

Após a morte no Calvário e no decorrer das primeiras décadas, além do trabalho dos apóstolos, foi em grande parte com base nos mosteiros essênios, nas suas organizações assistenciais e no concurso diário e ininterrupto dos Terapeutas, que o cristianismo se difundiu mais rapidamente na Palestina; e, enquanto cooperaram nessa difusão, a comunidade essênia foi se integrando no cristianismo, extinguindo gradativamente suas próprias atividades, o que se completou com o extermínio da nação judaica no ano 117 AD.

Assim como haviam apoiado anteriormente os Nazarenos e os Ebionitas (20), a última atitude pública tomada pelos essênios teve lugar no ano 105, reconhecendo o profeta Elxai, como chefe. Depois, correndo o tempo, veio a elevação do suposto messias Bar Cocheba, a revolta geral contra os romanos e a exterminação do povo judaico, em toda a Palestina e em outras províncias romanas.

Os documentos contendo suas tradições religiosas, elaboradas desde início, ainda ao tempo de Moisés, e conservados por seu discípulo Essen, ao declarar-se a revolta final do povo judeu, foram escondidos em grutas e lugares secretos das montanhas, alguns deles estando sendo agora descobertos nesses lugares, junto ao Mar Morto. (21)

(20) Significa pobre, desvalido.

(21) Alguns destes comentários têm base em obras citadas ao fim do livro, na bibliografia, sobretudo em Regia o qual, a seu turno, obteve informações, em parte, de essênios, que ainda existiam na Asia Menor, no século passado; em parte em Flávio Josepho, o historiador judeu agregado ao Estado Maior de Tito Vespasiano, que assistiu a destruição de Jerusalém no ano 70; nascido 4 anos após a morte de Jesus, este autor assegura que a influência maior dos essênios era no norte da Palestina e nas imediações do Mar Morto. Além destas fontes, pode-se ainda citar Filon de Alexandria, contemporâneo dos acontecimentos e Justus de Tiberíades, todos judeus respeitados e reputados autores.

Capítulo XV – Jesus e os Essênios

Há no Evangelho uma lacuna histórica, um profundo silêncio sobre os fatos da vida de Jesus, no período que vai dos doze, quando fez sua primeira peregrinação a Jerusalém, aos trinta anos, quando iniciou sua pregação pública.

A tradição consigna sua presença em alguns lugares fora da Palestina como, por exemplo, no Egito e na Índia, onde teria pregado contra o regime de castas, sob o nome de Profeta Issa; entretanto, não há documentação idónea que confirme tais notícias.

O mesmo não sucede, porém, quanto aos essênios, havendo inúmeras comprovações de sua estadia nos santuários dessa comunidade, e obras de caráter mediúnico também confirmam tais referências.

Compreendemos que o Divino Mestre, apesar de ser um Messias, unguido do Alto, para o desempenho na Terra de uma missão de redenção humana, ficou em parte sujeito às leis físicas reinantes no planeta, como também aos costumes e regras sociais do país onde nasceu. Tendo ele todo o poder e sendo servido por legiões de espíritos auxiliares, todavia, não se sujeitou a afrontas, calúnias e hostilidades, deixando-se até mesmo torturar e crucificar pelos homens bárbaros do seu tempo, embora sabendo ser a crucificação uma morte infamante?

Sujeitou-se, pois, às contingências do meio e seu espírito, somente aos poucos, através a infância e a juventude, foi ganhando consciência de sua missão divina, e nessa

fase delicada naturalmente que necessária de ambientes favoráveis, suficientemente espiritualizados, correntes poderosas e puras de sentimentos, afinidades vibratórias, ao contato das quais seu poderoso Espírito se fosse abrindo, com segurança e tranquilidade, para o mundo grosseiro e bárbaro que o rodeava, preparando-se assim, para a gloriosa tarefa.

Não foi preciso que se o protegesse contra Herodes? Também era preciso que se o protegesse contra o mundo ambiente. Pois esse ambiente de sua família, não por carência de amor, mas de compreensão, foram-lhe fornecidos pelos essênios, nos seus santuários das montanhas e pela poderosa corrente espiritual que formavam através de todo o país. Os essênios, que desde a morte de Moisés se organizaram e vinham se preparando para essa tarefa de apoio, após ela, declinaram em suas atividades até a extinção, anos depois, porque sabiam que essa encarnação messiânica na Palestina seria a última de sua grandiosa série.

Afora os primeiros tempos de Nazareth, a juventude de Jesus transcorreu normalmente em sua casa até a morte de José, que se deu no ano 23 quando, então, assumiu a responsabilidade de sustentação do lar no trabalho da carpintaria. Nesse período fazia frequentes visitas aos santuários essênios do Monte Carmelo e do Monte Tabor, mais ou menos próximos de Nazareth; do Monte Hermon, na Fenícia e dos Montes Moab e Nebo na Judéia. Nesses santuários, sua delicada sensibilidade foi resguardada e pode ele desenvolver aos poucos sua extraordinária capacidade espiritual que, muito antes do início de sua vida pública, já utilizava como força irresistível do seu grande amor pelos homens.

Ressurreição e Vida

Yvonne A. Pereira

Cap.V – O discípulo anônimo

“Quem receber um destes meninos em meu nome, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou. Respondeu-lhe João, dizendo: – Mestre, vimos um que lançava fora demônios, em teu nome, que não nos segue, e lho proibimos. E disse Jesus: – Não lho proibais; porque não há nenhum, que faça milagres em meu nome, e que possa dizer mal de mim; porque quem não é contra vós é por vós.”

(MARCOS, 9:36 a 39.)

“Muitas outras coisas, porém, há ainda que fez Jesus; as quais, se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que delas se houvessem de escrever.”

(JOÃO, 21:25.)

Meditação sobre o versículo 37 do capítulo IX de São Marcos: – “Se ele lançava demônios, em nome de Jesus, era virtuoso, porque a virtude é o primordial poder para se expulsarem demônios (31). E se os expulsava em nome de Jesus era porque amava Jesus. E se amava Jesus era porque seguia seus ensinamentos. E se seguia seus ensinamentos, necessariamente os ouvia do próprio Jesus, perdido no anonimato das turbas, sem ser notado por ninguém, como certamente sucederia a muitos outros simpatizantes do Senhor, que deram até a própria vida por seu nome e sua Doutrina, mas cujos nomes a posteridade não logrou conhecer.”

Se nos tempos em que o Senhor peregrinava pelas cidades da Galiléia e da Judéia, expondo às turbas de ouvintes a Doutrina que com ele descera do Infinito,

(31) Entendamos por demónios Espíritos desencarnados de ordem inferior, ou obsessores.

alguém em torno se permitisse o trabalho de prestar atenção aos detalhes que se sucediam, não citados pelos quatro cronistas do Novo Testamento, muitos outros livros existiriam, autênticos, em torno do Divino Mestre, tal como judiciosamente afirma o seu apóstolo João. Esse observador, se houvesse existido, teria notado, por exemplo, por toda a parte – pelas praias, pelas Sinagogas, pelas montanhas, pelas ruas e até sentado à soleira da casa de Pedro, em Cafarnaum, e no pátio florido da granja de Lázaro, em Betânia, mas, absorvido no anonimato da multidão – um jovem moreno, de olhos cinzentos e sonhadores, modestamente trajado com uma túnica de algodão azul-escuro, alpercatas gregas e manto de lã marron muito amplo e ainda novo. Seus cabelos eram negros e abundantes, não passando, porém, da altura do pescoço, e sua barba era pequena, negra como a cabeleira, e muito tratada e limpa.

O suposto observador nunca veria esse jovem acompanhado de qualquer outro jovem da sua idade ou empenhado em palestras amistosas ou frívolas. Seu todo era grave, quase soturno, porque profundamente preocupado, meditativo. Jamais sorria. Mas também não se descobririam em seu semblante, bastante agradável, indícios de mau-humor ou de hostilidades. Era pensativo, sonhador, observador, discreto, equilibrado, eis tudo!

Todavia, parecia não ser da Galiléia, nem da Judéia, nem da Iduméia, nem da Síria, nem de Samaria. Não era loquaz, como os galileus; nem exclusivista, como os judeus; nem agressivo, como os samaritanos; nem pusilânime, como os idumeus, e tampouco folgazão, como os siríacos. Não lhe conheciam sequer o nome. Mas parecia estrangeiro, porque, sendo a sua tez de uma cor morena muito suave, os olhos mostravam um belo tom azul- -cinzento de agradável contraste. E ninguém ligava importância à sua pessoa, justamente por suspeitá-lo estrangeiro .

Mas quem sabe fosse mesmo um samaritano, acutelado em jamais falar em presença das turbas, para que o dialeto e o sotaque da sua província o não denunciassem aos judeus, inimigos da sua terra e do seu povo?

Talvez fosse um grego-fenício, mescla então muito comum em Tiro, em Sídon, em Sarepta e toda a Fenícia helenizada, e que muito transitava pela Palestina e a Transjordânia. Mas também poderia ser um essênio (32), porque os essênios eram assim discretos, e graves, e equilibrados, quase soturnos. Ou quem sabe seria um *Nazireu*? Os Nazireus eram também como os essênios, recatados e discretos. .. (33)

O que o mesmo observador saberia com certeza era que ele procurava sempre esgueirar-se por entre a massa de povo para se aproximar de Jesus. Parecia um apaixonado do manso “Rabboni” (34). Fitava-o em adoração muda, o semblante enternecido, os lábios balbuciantes como de encantamento, tal o sorriso murmurante das mãos contemplando os seus querubins adormecidos; os olhos nostálgicos irradiantes de ternura. Onde quer que o Mestre estivesse, o moço andaria por perto. Não se atrevia, entretanto, a se intrometer, se acaso percebesse que o Senhor preferia ficar a sós com seus apóstolos. Afastava-se, então, discretamente, para retomar daí a pouco, se as ondulações do poviléu voltassem a crescer.

O moço do manto marron trazia consigo, cuidadosamente envoltos em retalhos de linho muito alvo, dois roletes de madeira muito delicada, espécie de carretéis, medindo de trinta a quarenta centímetros de comprimento, mais ou menos, como os que se usavam

então entre intelectuais e estudantes, para o cultivo da escrita, ao uso grego. Um desses roletes invariavelmente se encontraria suprido de excelente “papyrus” (35)

O outro, vazio. Um saco de couro de carneiro, que trazia a tiracolo, sob o manto, guardava as duas preciosidades e mais os estiletos e tintas coloridas para a escrita, tudo cuidadosamente acondicionado em tubos apropriados.

Visto através de tais particularidades, o moço do manto marron seria grego mesmo. Muitos viajantes gregos peregrinaram, em todos os tempos, pela Síria, a Fenícia e a Palestina, mercadejando prendas valiosas, comprando e vendendo tapetes e sedas, lãs, perfumes, ervas mágicas, e aromáticas, frutas açucaradas, queijo, mel, e até ovelhas e camelos, que revendiam mais além com excelentes lucros. Mas também poderia ser egípcio, se não fosse a cor dos olhos e da pele, porque os egípcios também transitavam por ali, usavam “papyrus” para a escrita, se eram cultos, e vendiam e compravam as mesmas mercadorias.

(32) Indivíduo pertencente a certa seita de origem judaica, fundada mais ou menos 150 anos antes do Cristo. Os essênios viviam retirados da sociedade, partilhando vida em comum muito fraterna, e abstendo-se de todos os vícios e paixões e até do matrimônio. Eram considerados homens de elevadas virtudes.

(33) Nazireu — Homem que se dedicava ao culto divino fazendo votos de não cortar os cabelos, não usar bebidas alcoólicas e de praticar a castidade sexual. Tudo indica que Sansão e João Batista pertencessem à seita dos Nazireus. Os votos seriam perpétuos ou temporários.

(34) Título honorífico entre os judeus, que significa Mestre Título honorífico entre os judeus, que significa Mestre

(35) Planta da família das Ciperáceas, de cuja haste extraía-se excelente material para escrita, na antiguidade.

Seria desses o jovem moreno de olhos azul-cinzentos ?

Não parecia, entretanto, comerciante.

Tais hábitos e utensílios, como se notavam nele, somente os teriam e usariam os gregos intelectualizados, não os comerciantes. Os judeus, os samaritanos, os galileus nada escreviam, e quando escreviam preferiam as incômodas tabuinhas, a não ser que fossem verdadeiros escribas e que suas escritas tratassem de algo muito sério, como os serviços religiosos, quando então era usado o papel de linho, o “papyrus” especial ou o pergaminho, fabricado de pele de ovelhas.

Quando Jesus iniciava as prédicas, lançando ao povo aquelas formosas parábolas que ressoariam hoje pelo mundo todo como os mais belos poemas líricos, se os poetas e literatos da Terra dessem preferência às inspirações da Verdade para adquirirem renome, quando Jesus discursava, o moço do manto marron procurava sentar-se, e o fazia pelo chão mesmo, em algum banco improvisado com uma pedra ou pela soleira de uma porta qualquer. Retirava do saco de couro de carneiro os dois roletes de “papyrus”, os tubos de estiletos (que equivaleriam às canetas do século XX), e os sais coloridos, e punha-se a escrever o que ia ouvindo da palavra do Filho do homem, tal o repórter moderno ouvindo personagens importantes em entrevista coletiva. À proporção que escrevia, -o papel enrolado no primeiro carretel passava a ser habilmente transportado para o segundo, pelo que se teria verificado que o moço estaria muito habituado ao delicado mister.

Ninguém saberia dizer se o Mestre algum dia notou a presença, tão próxima, desse dedicado admirador, discreto e respeitoso, que jamais falava, que nada pedia,, que jamais sorria, mas cujos olhos perscrutadores não se despegavam dele ou da escrita, enquanto ouvia seus discursos. Notou-o, certamente, pois não conceberemos que aquele que era o Verbo encarnado ignorasse alguma coisa que se desenrolasse ao seu redor e até muito longe de sua presença.

À noite, em chegando ao humilde quarto que ocupasse numa hospedaria qualquer, das mais modestas, ou mesmo no celeiro de alguma casa particular, que consentisse em

ali hospedar forasteiros por preços muito reduzidos, fosse em Cafarnaum, em Betsaida, em Jerusalém ou outra qualquer parte honrada com a visita do Mestre, o moço cismador desenrolava os “papiros” e pacientemente voltava-os para o primeiro carretel, o que dava em resultado reler com facilidade o que Jesus havia exposto e fora por ele escrito”. Servindo-se da luz de uma pequena candeia de azeite, daquelas tão usadas pela época, ou seja, espécie de tijela de barro, de estanho ou de cobre, com três bicos, de onde saíam as torcidas encharcadas no combustível, para o lume, até altas horas da madrugada o jovem estudava aquelas lições escritas, que o Mestre como que ditara para ele. Meditava sobre tudo e tecia aproveitáveis comentários, que escrevia em retalhos de “papiro” mesmo, ou em peles de ovelhas, e colecionava tudo caprichosamente, como se em sua mente já se delineasse o *Livro* paginado, inexistente então e só muito mais tarde inventado e aceito pelo mundo inteiro com todo o agrado. Algumas vezes, ele fazia até mesmo versos sobre os discursos ouvidos ao Mestre galileu, e os fazia em idioma grego ou em aramaico ou latim, pois o moço era culto e esses idiomas eram correntes em toda a região e para além dela, até Alexandria, Atenas, Roma, etc. E na manhã seguinte, bem cedo, retomava para as mas à procura do Mestre, recomeçando o mesmo dedicado trabalho de anotar o que ouvia e presenciava.

Certa vez, em Cafarnaum, a cidade preferida por Jesus, pois ali residia Simão Barjonas (Pedro), o moço do manto marron ouvia o Senhor falar, sentado pelas imediações, sobre uma pedra. Eis, no entanto, que começam a acorrer muitos enfermos, na esperança de serem curados, e o local tomou-se repleto de parálíticos, de cegos, de surdos, de mudos, de coxos e de endemoninhados, e até de leprosos. O Nazareno curava sem cessar e o moço a tudo assistia, comovido e meio atemorizado pelo que presenciava, mas louvando a Deus, no fundo do coração, por ter vivido até aquela data, para que seus olhos contemplassem tais maravilhas, realizadas pelo Messias em pessoa, tão ardentemente desejado, desde séculos, pelos corações oprimidos. Eis senão quando o chefe da Sinagoga local, o fariseu Jairo, atira-se aos pés do Senhor, suplicando-lhe, desfeito em lágrimas, que tivesse piedade e consentisse em se abalar até sua casa para curar sua única filha, menina de doze anos de idade, que enfermara de uma febre violenta e se encontrava às portas da morte. Mas, nesse instante (momento supremo para o moço silencioso), dada a aglomeração de pessoas, Jesus, cuja virtude já curara uma mulher que padecia de terríveis hemorragias, com o só contacto da mão dela mesma na orla do seu manto, Jesus, empurrado daqui e dali, solicitado por todos e a todos atendendo, aproxima-se tanto do jovem que seu manto lhe roçou o rosto.

Deslumbrado oom semelhante contacto, o moço toma timidamente da ponta do manto do Mestre e leva-a aos lábios, ali depositando enternecido ósculo de veneração, enquanto duas lágrimas umedecem suas pálpebras, tal a comoção de que se sentiu possuído.

Volta-se o Nazareno e fita, em silêncio, aqueles olhos sonhadores, que duas lágrimas iluminam de um brilho singular, como essência de uma confiança ilimitada. A mão diáfana do Filho do Céu, então, pousa por um instante, um instante só, sobre a cabeça do moço. Os dois olhares se cruzaram sem que uma única palavra fosse pronunciada. E foi só. . .

Jesus retirou-se acompanhado de Jairo, levando consigo Pedro, Tiago e João, apóstolos que pareciam mais afins com ele.

Fiel ao mandato que se impusera, o jovem anônimo seguiu-o de longe, discreto, pensativo como sempre. Pelas imediações da casa do chefe da Sinagoga, que se movimentava em alarmes fúnebres, anunciando que a enferma acabara de expirar, sentou-se à sombra de umas oliveiras que frondejavam, viçosas, e pôs-se à espera, certo de que não tardaria a presenciar mais uma daquelas maravilhas que a Galiléia já se habituara a contemplar naqueles auspiciosos dias. E, com efeito, minutos depois o alarido fúnebre transformava-se em aleluias. Jairo franqueava a residência aos visitantes, para que fosse contemplado mais um feito do Mestre Nazareno: a menina, havia pouco tida como morta, erguera-se do leito pela mão de Jesus, sadia e feliz, para alegria e ventura de seus pais e assombro de toda a cidade de Cafarnaum. que se rejubilou com o fariseu Jairo.

Então, ali mesmo, à sombra das oliveiras que frondejavam pelas imediações, o moço do manto marron novamente retirou os dois roletes do saco de couro de carneiro que trazia a tiracolo, sob o manto. Retirou o tubo de estiletos e os sais coloridos... e mais uma vez escreveu o que acabava de presenciar, realizado por Jesus.

II

Alguns dias depois o moço escriba encontrava-se numa praça, para onde acorriam enfermos de todas as localidades vizinhas. Avultavam nesse dia os endemoninhados. Jesus ainda não aparecera em público. Os apóstolos igualmente se conservavam ausentes, de certo acompanhando o seu amado Mestre, que estaria distribuindo beneficências por outras localidades. Os doentes impacientavam-se. Cresciam os lamentos, os gemidos, as queixas, os estertores. Estavam ali desde o alvorecer. Era quase a hora sexta (meio-dia), e sentiam fome. Sentado em uma pedra, à sombra de uma videira que tomava a entrada de pequena residência, o moço silencioso esperava, como eles, desde o alvorecer. Via que as lágrimas corriam dos olhos daqueles infelizes, que suas dores aumentavam, suas aflições se sobrepunham para um acervo de impaciências. Compaixão profunda, ante tanta miséria, invadiu subitamente seu coração: quisera poder também aliviar as dores daqueles desgraçados! Sentiu que, a tal desejo, o coração se lhe dilatava num hausto profundo de amor ao próximo. Aquele mesmo hausto, singular e sublime, que o deslumbrara da vez em que o Senhor pousara a mão, docemente, sobre sua cabeça, agora o impelia a aliviar as dores que presenciava. ..

Num impulso irreprimível, qual autômato observando voz de comando proveniente dos arcanos do Invisível, aproximou-se de um daqueles endemoninhados que se detinham em convulsões sobre o pó da praça, apôs-lhe as mãos sobre a cabeça e exclamou com tonalidade inco- mum, autoritária:

– Em nome de Jesus Nazareno, o Filho de Deus vivo, retira-te deste homem e vai em paz!

O enfermo estrebuchou ainda por alguns instantes, proferiu gritos roucos e, muito surpreso com o que acontecia, levantou-se, envergonhado, mas completamente curado, pondo-se a sacudir o pó que se lhe prendera à túnica...

E muitos foram curados por ele, nessa tarde. . .

A partir desse dia, curava endemoninhados sem cessar, pois, ao que parecia, era a sua especialidade. .. porque João, que, por acaso, presenciara as primeiras curas e lho proibira continuar, visto que ele não era filiado ao grupo homogêneo, voltara a ele, humildemente, desculpando-se e participando-lhe que continuasse, por que o Mestre o

autorizava a exercer o ministério, mesmo não gozando ele da intimidade dos verdadeiros discípulos, pois reconhecia nele um amigo digno de confiança...

III

Mas viera a cruz do Calvário e o Mestre alçara ao seio do Pai, de onde descera...

Na sétima noite após a ressurreição, o discípulo anónimo, que desde a tarde do 14 de Nisan chorava sem consolação, ignorado e solitário no recanto do celeiro em que se alojava, acabou por adormecer sobre os seus roletes de “papiro”, onde acabara de ler, ainda uma vez, os sublimes ensinamentos do amado Mestre, que tão cuidadosamente anotara durante três anos. Acabara também de escrever as últimas páginas relativas à ressurreição, cujo noticiário corria de boca em boca, entre os “santos” de Jerusalém, repercutindo seus ecos surpreendentes até mesmo pelos gabinetes do Sinédrio, nas alcovas de Anás e de Caifás, nas salas de Pôncio Pilatos, pelos festins de Herodes Antipas e pelos quartéis dos herodianos atemorizados.

Exausto de escrever, de ler e de chorar, o moço do manto marron adormeceu e sonhou...

Sonhou que Jesus Nazareno o visitava entre as palhas do seu triste albergue, todo radioso em uma túnica alvinhenta, e dissera-lhe, a mão levemente pousada sobre sua cabeça, como no dia inesquecível da cura da filha do fariseu Jairo:

– “Filho querido! Dar-te-ei a incumbência de relatar aos jovens que encontrares em teus caminhos o noticiário que escreveste, e que aí está... Será bom que te dediques também a educar corações e caracteres para os meus serviços do futuro, que abrangerão o mundo inteiro, através das idades... Não te limites a curar apenas os corpos, que tendem a desaparecer nas transformações do túmulo. Trata de elucidar, para curar também as almas, por amor de mim, pois estas são eternas, mais necessitadas do que os corpos, e tenho pressa de que se iluminem com os fochos da Verdade...”

Mas... ia-me esquecendo de acrescentar que o moço possuía também um pífano (espécie de flauta), instrumento muito em moda no Oriente, pela época, o qual era guardado no saco de couro de carneiro que trazia a tiracolo sob o manto, junto dos roletes de “papiro”, dos estiletos e dos saís coloridos para a escrita. O pífano era enrolado, como os roletes, num retalho de linho alvo, muito cuidadosamente atado. Um pequeno alaúde (36) acompanhava o pífano, guardado, porém, noutro saco, que se pendurava a tiracolo, do lado oposto ao outro.

Na manhã seguinte à noite do sonho com Jesus, quem passasse pelas imediações do mercado de Jerusalém depararia com um jovem sentado sobre as próprias pernas cruzadas, num recanto da rua, tocando melodias muito doces à sua flauta, isto é, em um pífano.

Era o moço do manto marron.

Em breve achava-se ele rodeado de crianças e de jovens, que, em todos os tempos, se deixam seduzir e arrebatados pela música. Quando viu que o número de admiradores que acabava de conquistar com a melodia da sua flauta era animador, o moço do manto marron e do pífano disse-lhes – e sua voz ressoou cariciosa e atraente, pela primeira vez, aos ouvidos da gentil assistência, como ressoara a melodia que acabara de executar a fim de atraí-la:

Santai-vos, irmãozinhos, que terei prazer em contar-vos a história do Príncipe que desceu dos Céus para amar os homens sofredores...

Os orientais sempre admiraram as histórias maravilhosas, os casos fantásticos e os feitos heroicos:

– Do Príncipe que desceu dos Céus ?... – interrogaram, interessados, sentando-se ao redor do músico.

– Sim, desse Príncipe mesmo...

– Pois conta-nos a história, irmãozinho...

(36) Antigo instrumento de cordas e cravelhas, cuja caixa sonora é convexa, como os Bandolins napolitanos. Possui de oito a doze cordas. Som melodioso

E o moço, que deixara de ser silencioso, porque Jesus, em sonhos, lhe ordenara que falasse, entrou a narrar aos jovens ouvintes os primeiros feitos do Nazareno, a que assistira, na Galiléia. Mas fazia-o através de palavras suas, enquadradas na realidade dos fatos, com adaptações rigorosamente inspiradas na Verdade, e tanta arte punha na sua eloquência que os meninos e os jovens se deixaram ficar a seu lado longas horas, sem se cansarem de ouvi-lo. Era uma aula admirável, que lhes concedia: aula de moral, com os ensinamentos da Boa Nova; aula de verdades eternas, com a narrativa das curas e das parábolas; aula de amor e respeito a Deus, de arte, de literatura, de boa educação social e doméstica, das quais se elevava a figura sedutora do Príncipe dos Céus como Mestre adorável das criaturas, que visitara a Terra para tentar conduzi-las para Deus, através do Amor. E revelava-se, com efeito, emérito professor e educador, respeitável intelectual.

Depois recitava ou cantava os seus versos, acompanhando-se do pequeno alaúde, tal qual Homero à harpa, com a sua *Íliada* e a sua *Odisséia* (37), reproduzindo com exatidão, mas adaptados ao ritmo especial dos versos brancos, trechos importantes do Sermão da Montanha, ao qual assistira bem perto do Mestre; e das parábolas mais expressivas, que melhor se prestassem ao encantamento da juvenilidade. Fazia-o, no entanto, depois de havê-los comentado em exposições claras, certo de que seus jovens discípulos tinham realmente assimilado o seu verdadeiro sentido.

Vejamos alguns desses singelos mas enternecedores poemas assim declamados, enquanto o mercado, além, fervilhava de comerciantes e compradores, longe, toda Jerusalém, de suspeitar que aquele Nazareno que dias antes morrera no suplício da cruz, no alto do Calvário, agora ressurgia, triunfante, com efeito, até na simplicidade dos corações juvenis:

(37) Célebre poeta grego da antiguidade, considerado como autor dos poemas épicos *Íliada* e *Odisséia*.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS, cap. VI, vv. 19 a 34.

(Do Sermão da Montanha)

1

*Não entesoureis, meus irmãos,
Para vós,
Os efêmeros tesouros da Terra.
Onde a ferrugem e a traça Tudo consomem,
E onde os ladrões Os desenterram e roubam. ..
Mais meritório será Para vós.
Irmãozinhos,
Adquirir os tesouros do Céu:
— O Amor, a Fé, a Esperança!*

— *A Bondade, a Paciência, a Justiça!*
— *O Dever, a Moral*
— *E o nobre labor*
De todos os dias...
Porque estes bens,
Que são verdadeiros, eternos,
Não os consome a ferrugem Nem os roem as traças Daninhas do mal...
Esses, são bens muito vossos,
Que convosco irão Para a vida celeste...
Bens que os ladrões
Não desenterram nem roubam. ..
Não entesoureis,
Meus irmãos,
Para vós,
Os efêmeros tesouros cta Terra,
Onde a ferrugem e a traça Tudo consomem...
Porque onde se guardam,
Jovens irmãos,
Estes tesouros
Aí também estará,
Ansioso e inquieto,
O coração. ..

2

Não andeis cuidadosos,
Criando ambições,
Que atormentam e afligem
As vossas horas diárias...
E nem vos detenhais
A pensar:
- Que comerei?
- Que beberei?
Porque o dia futuro
A si mesmo trará
Seu penoso cuidado...
E a um dia
Bem bastará
Sua própria aflição...

Pensai primeiro,
Meus irmãozinhos,
Antes de tudo,
Em vossas almas celestes,
Filhas de Deus,
Que muito mais valem
Do que a comida do corpo,
Do que a bebida,
Do que o vestido

E a residência terrena
Com que tanto e tanto
Vos afligis...

3

Vede, irmãozinhos,
As avezinhas que voam
No ar?...

Meditai neste exemplo:
Elas
Não semeiam,
Não segam,
Não acumulam
Em celeiros...
E, todavia,

*Vosso Pai Poderoso,
Que vive nos Céus,
As veste, as sustenta,
Com lindas plumagens,
Com alimento diário
E água pura das fontes...*

*E se com elas Assim mesmo procede Esse Pai caridoso,
Convosco melhor o fará, Certamente...
Porventura não sois,
Diante dele,
Muito mais do que elas...*

*Considerai como crescem
Os lírios do campo...
Não trabalham,
Não fiam,
Mas, em verdade,
Eu vos digo:
— Salomão, o rei glorioso,
Na sua grandeza ofuscante
Jamais conseguiu
Assim se trajar,
Como um desses...*

*O lírio como o feno do campo:
Hoje está lindo e viçoso,
Mas, amanhã,*

4

*Já murchou e caiu
Para ser consumido
No fogo...
Pois, apesar
De assim ser,
E se Deus
Assim belo o conserva
Nos jardins e nos vales,
No campo ou nos brejos,
Quanto mais
A vós o fará,
Que sois almas eternas,
Homens sem fé?...*

5

*Portanto buscai,
Em primeiro lugar,
Em vez dos tesouros terrenos
Que a ferrugem e a traça
Consumem,
Buscai,
Em verdade o repito,
Em primeiro lugar
— O reino de Deus E sua
Gloriosa justiça,
Porque, assim sendo,
Todas as coisas
Que desejardes,
E mais outras ainda,
Se vos serão concedidas
Por benévolo acréscimo. ...*

IV

Muitos anos se passaram sem o moço esmorecer no seu singelo labor. Mas não o limitou somente a Jerusalém. Ia e voltava pelas localidades vizinhas, programando dias certos na semana para cada uma. Dava-se ao seu estranho ministério pela manhã e ao cair do crepúsculo. Durante a ardência da soalheira, trabalhava para seu sustento: remendava mantos e túnicas para os costureiros; consertava tendas para os viajantes; limpava e varria o mercado, para os lojistas; carregava água para as famílias; entregava cestos de compras; levava camelos e cavalos dos forasteiros a beberem e a serem lavados, no poço mais próximo... e jamais recebia pagas pelas histórias que contava aos jovens, porque entendia ser vergonhoso e profanador servir-se o homem do nome sacrossanto de Deus para auferir lucros, e Jesus era, no seu conceito, o verdadeiro Filho de Deus que descera à Terra para o bem da Humanidade! E a cada um dos discípulos que fazia presenteava com uma daquelas cópias colecionadas, escritas em retalhos de pele de ovelhas, das anotações que fizera sobre o Nazareno e sua Boa Nova.

Encantadas, as mães de família, percebendo que seus filhos apresentavam modificações sensíveis na conduta diária, tornando-se melhores, mais sérios, mais honestos, mais educados, apressavam-se em também conhecer a estranha personagem que tanto as auxiliava na educação dos mesmos. Ouviam-na, então. Voltavam pensativas para suas casas. E dali a dias ofereciam-lhe o próprio lar ou o quintal para o serão da noite, onde as mesmas lições eram reexplicadas.

Os jovens, porém, cresceram, fizeram-se homens e mulheres e se tornaram cristãos convictos. Eram outros tantos discípulos do amável Nazareno, e muitos, mais tarde, apresentaram heroicamente o supremo testemunho que a Doutrina do Mestre Ihes pedia, isto é, mereciam, como cristãos leais e dedicados, a honra do martírio, quer na Judéia, frente aos asseclas do Templo, quer em Roma, enfrentando os leões no Circo. Mas ele, o moço do manto marron, jamais fora molestado! Jamais perseguido, jamais suspeitado sequer! Quando reconhecia que seus gentis ouvintes haviam realmente assimilado a nova Doutrina, o moço do manto marron e do pífano desaparecia, procurava outras terras e, aquém, nunca mais se ouvia falar dele.

Dentro de alguns anos, seus cabelos haviam embranquecido, sua barba alvejava como as neves do Hermon, seu manto se tornara desbotado e roto, e, já agora, era chamado “o velho do manto roto”, pela criançada... Mas à noite, tranquilo e confiante, adormecendo na sua enxerga ou no celeiro que lhe cediam para o pouso, sonhava que Jesus voltava a visitá-lo, alvinitente em suas deslumbrantes vestes de luz:

– “Prossegue ainda, filho querido! Prossegue até a morte, porque me tens prestado um precioso serviço! Educa, educa para mim, e em meu nome, as almas e os corações que se ignoram, porque me ignoram... A alma é imortal... E eu tenho pressa que todas se alcandorem ao Sol da Verdade Eterna...”

E até em Roma, mais tarde, cidade onde todas as nacionalidades se cruzavam e se entendiam, os transeuntes deparavam pelas ruas um ancião de barbas brancas e olhos castos e sonhadores, sentado sobre as próprias pernas cruzadas, à moda oriental, tocando velhas melodias em um velho pífano, ou recitando ou cantando, com voz trêmula e quase apagada, lindos e singulares poemas ao som de um pequeno alaúde, rodeado de jovens e crianças, que lhe rogavam, em todas as línguas, entre sorrisos, prazenteiros:

– Conta-nos, avozinho, aquela história do Príncipe, filho dos deuses, que desceu do Olimpo para curar cegos e leprosos, paralíticos e surdos-mudos, endemoninhados e

coxos... e para amar os pecadores e redimi-los, ensinando-lhes a lei do amor, que substituirá a violência do pecado em que vivemos...

V

Entretanto, quem seria aquele discípulo anônimo, que curava endemoninhados em nome de Jesus Nazareno, a personagem mais humilde e mais obscura do Evangelho, a quem este se refere com rapidez chocante?

Ninguém o sabe!

Mas de uma coisa estaremos certos: do elevado grau das suas virtudes, visto que não se expulsam demônios sem se possuir virtudes. Dele pensaremos e diremos, então, todos os feitos que as virtudes recomendam... até que mereçamos novos informes a seu respeito...

Esse discípulo, todavia, poderás ser tu mesmo, meu amigo, tu, que me lê! Hoje ainda, o mundo tanto necessita da Doutrina do Senhor como nos tempos de Anás e de Caifás, de Pilatos e de Herodes, de Nero e de Calígula... E tu que, voluntariamente, te aliaste, em boa hora, à Causa da redenção da Humanidade, poderás prestar idêntico serviço a Jesus... De uma coisa apenas necessitarás para o desempenho de tão grande tarefa:

– Amor a Deus, ao próximo e ao Evàngelho do teu Mestre Nazareno...

Vida de Jesus

Antônio Lima

Cap. IV §45 Pág.84

Quem fizer um esforço contra as suas ideias retrógradas e preconceituadas há de convir que, sendo Jesus o Diretor deste planeta, havendo logicamente assistido à formação da sua nebulosa, dirigido as forças latentes para a sua evolução, atraído os átomos constituintes, disposto os fluidos condensadores, manejado as energias magnéticas e vitais, inspirado os seus Agentes, que deveriam ser e continuam a ser aos milhões aqui e no Além, não fará favor algum à Verdade se acabar por conceber, como corolário, que também lhe há de ter cabido a missão augusta de lançar a semente da Civilização, não escapando a esse programa o ensino da Lei estatuída pelo Autor desta complexa máquina de torturas. Foi Jesus-Cristo, portanto, quem trabalhou a Terra para a semeadura, que depois vicejou, floriu e acabará por dar frutos. Donde, a lógica nos conduz a esta ilação: Rama, Buda, Moisés, Zaratustra, Confúcio, Brama e *tuti quanti*, nada mais foram que Agentes parciais, inspirados pelo Divino Mestre para os decretos a vigorar.

É assim concebendo as coisas desta vida que eu deixo os meus lábios se abrirem num sorriso de complacência quando leio Renan, Strauss, Saint-Yves, Edouard Schuré, Nicolas Notovich e outros, que limitam as suas vistas a este grão de areia, avançarem por

sua conta e risco que Jesus andou a viajar pela Índia a fim de se iniciar nos mistérios do Oriente.

Jesus a aprender a sua própria doutrina, que era a do Pai, com aqueles mesmos aos quais já houvera ensinado, e que por sinal não foram lá muito fiéis discípulos. . .

Tem graça esta pilhéria de vir o professor tomar lições com os seus alunos!

Ou então, quem foi o Mestre dos mestres?

Seguindo a esteira de muitos exegetas que têm tomado à letra os textos evangélicos, o autor de *Jesus e sua Doutrina* divulga a falsa concepção de que Jesus voltará à Terra em pessoa.

Da obra *Ensinos Espiritualistas*, transcrevo em relação a uma consulta sobre a vinda do Cristo o seguinte:

“Volta espiritual. Não haverá volta física, tal como o homem sonhou; será volta para seu povo, pela voz dos seus mensageiros, falando àqueles que têm ouvidos abertos; Ele próprio o disse: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.”

Não é somente o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em seu nome (João, cap. XIV, v. 26), a única referência a demonstrar ser em Espírito que Ele havia de vir a nós. “Não vos hei de deixar órfãos; eu hei de vir a vós.” (João, cap. XIV, v. 18.) Note-se que Jesus disse: Vir a vós, não entre vós.

Referências de que não virá em pessoa:

“O Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos.” (Mateus, cap. XVI, v. 27.)

“Se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo, ou, ei-lo acolá, não lhe deis crédito. Porque se levantarão falsos Cristos e falsos profetas, etc.” (Idem, cap. XXIV, vv. 23 e 24.)

Cap. V §59 Pág.113

Analisemos outros que engoliram, não um camelo, porém dois, por exemplo: Edouard Schuré com o seu livro *Os Grandes Iniciados*.

Começa a sua falta de visão em incluir Jesus entre os que o autor, ocultista ortodoxo, chama iniciados, e que, segundo a tradição vinda de Himalaia, eram aqueles que na ciência secreta da Índia se instruíam nos mistérios do Oriente, ao influxo de Ísis e Osíris. E o escritor tempera na mesma panela Rãma, Krishna, Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão e, sacrilegamente nivelado a esses, Jesus.

Passa logo a considerar como sendo belo o estudo de Sabatier no seu *Dictionnaire des Sciences Religieuses*, parecendo-lhe ser o mais luminoso resumo da vida de Jesus, havendo esse escritor vindo da escola filosófica de Hegel e inclinando-se à escola crítica e histórica de Bauer e Strauss. Sem negar a existência do Divino Mestre, procura provar que a sua vida, tal como os Evangelhos a contam, *é um mito*. Esse, o *luminoso* trabalho.

Páginas adiante, já esquecido do mito imputado aos evangelistas, louva-se neles para asseverar que Jesus foi reconhecido como filho de Maria e de José, visto que Mateus nos dá a sua árvore genealógica, a fim de provar que Jesus descendera de David.

Esgota-se em fazer uma imaginária e poética descrição da Galiléia, quase copiada de Renan, enaltecendo-a e pintando-lhe o remansoso bucolismo das florestas, a suavidade do ambiente oxigenado, a verdura das vinhas e figueiras, e ali descobre, com os seus olhos de lince, Jesus a receber a sua *primeira educação e a aprender as primeiras noções das Escrituras*.

Observando com angústia o quadro desolador que se lhe oferecia em todos os lados para os quais movia os olhos entristecidos, o jovem nazareno perguntava-se: “Para que serve este templo, estes padres, estes sinos, estes sacrifícios, visto que não podem dar remédio a todas estas dores?” E resolveu, *só então*, tomar uma decisão de deliberação – a de se consagrar de corpo e alma ao bem comum. E partindo cheio de tristeza e de angústia para os píncaros luminosos da Galiléia, o seu coração soltou este grito profundo: “Pai celeste, eu quero saber! Eu quero curar! Eu quero salvar!” (Como Ele andava atrasado!)

Ora, na sua insipiência, esquecido de que era um Enviado, o Messias predito pelos profetas, aquilo que precisava de saber *só os essênios lho poderiam, ensinar*.

Os Evangelhos guardam absoluto silêncio sobre os fatos e os gestos de Jesus antes do seu encontro com João Batista – lamenta o nosso Árgus – porém este descobre apesar disso que o rapaz, aparecendo com uma doutrina assente, devê-la-ia evidentemente a uma iniciação. Isto não pode oferecer a menor dúvida àqueles que, elevando-se acima da superstição da letra e da mania maquinal do documento, ousam descobrir o encadeamento das coisas pelo espírito delas. Schuré não é desses tais que buscam o espírito, por isso fica desapontado com os apóstolos e os evangelistas por não lhe terem falado dos essênios. A verdade, arrancada a poder de um boticão, era que também Jesus se misturara a eles, com eles houvera estudado os Mistérios de Elêusis.

E foi com singular comoção que ouviu o chefe da ordem mostrar-lhe e comentar as palavras que se lêem ainda hoje no livro de Henoc: “Desde o princípio o Filho do homem existia no mistério. O Eterno guardava-o à beira do seu poder e manifestava-o aos seus eleitos”, etc.

Naturalmente – penso eu – Jesus deveria ficar boquiaberto com o palanfrório do chefe da seita, Ele, que era um rapazinho bisonho.

Se os evangelistas foram avaros em minúcias, o novo e esperto historiador ainda mais nos empobrece com estas lentejoulas a fingirem áureas irradiações, no intuito de preencher o período que aqueles papalvos omitiram:

“Jesus passou bastantes anos com os essênios. Submeteu-se à sua doutrina, estudou com eles os segredos da Natureza, exercitou-se na terapêutica oculta, e, para desenvolver o seu espírito, dominou inteiramente os sentidos. Nenhum dia se passava sem que Ele meditasse sobre os destinos da Humanidade e não se interrogasse a si mesmo. Foi uma noite memorável para a ordem dos essênios e para o seu novo adepto aquela em que Ele recebeu, *no mais profundo segredo*, a iniciação do quarto grau, aquela que não se concedia senão no caso especial duma missão profética desejada pelo irmão e confirmada pelos Anciãos.”

Que pena que os evangelistas não tivessem assistido a isso!

E seguem-se as endrôminas com a descrição minuciosa do rito esotérico a que eram submetidos os iniciados, dentro sempre daquele segredo tumular e rigoroso, que implicava até a morte a quem se atrevesse a levantar o velário dos seus conhecimentos. E visto que o Mestre mais tarde – penso eu – haveria de proclamar: “O que vos digo em segredo, divulgai-o de cima dos telhados” quem sabe se não foi por isso que o crucificaram?

Que nos responda Schuré, servindo-se da sua lente de alcance.

Quando interrogaram o *essênio*, vestido com a túnica de linho branco, sobre se seria Ele o Messias, não pôde, perturbado, responder a essa consulta, e por isso reco-lheu-se a Engaddi, e ali, sujeito a uma crise moral, dentro dos rochedos de uma gruta, descrita com detalhes terríficos, teve a tentação diabólica. Apesar de lá haver um fio de água e figos

secos, Jesus passou um mau quarto de hora, em reflexões alucinantes a fazer um retrospecto do passado e a acomodar as suas ideias dispersadas no torvelinho da luta que se travava, deixando-o cheio de inquietações. E a discussão com o demônio assume proporções inéditas, o diálogo é mais longo e porventura mais apavorante, porém, o demônio cai vencido, como convinha, para o pseudo-essênio continuar o seu outro Calvário com o trêfego comentador da sua triste vida.

No IV capítulo da sua obra, este o inicia dizendo que até ali procurou iluminar com a sua própria luz essa parte da vida de Jesus que os Evangelhos deixaram na sombra ou envolveram no véu da lenda. Para ele, iluminar com a luz própria é *aller du grenier à la cave, de la cave au grenier*, conforme se diz na sua terra (proferir despropósitos).

A vida pública de Jesus é-nos contada pelos Evangelhos, mas há nas suas narrações divergências, contradições, saltos – observa o analista. Esses desconchavos foram ajustados pelo autor em lide. Conciliou as divergências, harmonizou as contradições e preencheu os saltos com a facilidade de um romanceador de quem nada mais se exige que habilidade de imaginação, estilo e audácia para adulterar os fatos, piorando-os.

Oh! o sapateiro de Apeles. . .

Jesus havia de ser à viva força essênio, envergando, não a túnica inconsútil de que nos fala João, mas a alva túnica de linho usada pelos iniciados e por isso é com essa veste que se apresenta a Herodes. (1)

Felizmente Schuré não desce a maiores desmerecimentos sobre os créditos morais e intelectuais do Rabino e transcreve as palavras deste quando afirmou que “Em três dias destruiria o templo e o reconstruiria”, comentando o passo deste teor: (Viu mais claro que Renan.)

“Realizou Ele essa promessa audaciosa, essa palavra de iniciado e iniciador? (Sempre a mesma mania de esotérico fanático!)

“Sim, se atentarmos nas consequências que o ensinamento do Cristo confirmado pela sua morte e ressurreição espiritual produziram para a Humanidade, e em todas aquelas que a sua palavra produzirá num porvir ilimitado. O seu Verbo e o seu sacrifício construíram os alicerces dum templo invisível mais sólido e indestrutível que todos os templos de pedra. Mas ele não se continuará nem se completará senão na medida em que cada homem e em que cada século nele trabalhem.

“Qual é esse templo? O da humanidade regenerada. É de ordem moral, social e espiritual. O templo moral é a regeneração da alma humana, a transformação dos indivíduos pelo ideal humano, oferecida como exemplo à Humanidade na pessoa de Jesus.

“A harmonia maravilhosa deste e a plenitude das suas virtudes fazem que seja difícil defini-lo. Razão equilibrada, intuição mística, simpatia humana, poder do verbo e da ação, sensibilidade até à dor, amor transbordando até ao sacrifício, coragem até à morte – nada lhe faltou.

(1) João diz que a túnica não tinha costura (cap. XIX, v. 23) e, além disso, refere Lucas (cap. XXIII, v. 11) que Herodes vestiu Jesus de uma roupa branca, isso porém com os seus soldados, por desprezo e escarnecimento. Mas é bom de notar que Lucas escreveu de outiva, 60 anos depois dos acontecimentos, ao passo que João foi um apóstolo assistente dos fatos e nada fala sobre a mudança de vestes, conquanto Mateus, também assistente, diga que os soldados, depois que Pilatos entregou o Messias aos fariseus, despiram-no e lhe vestiram um manto carmesim (cap. XXVII, v. 28) e logo após cuspiram nEle e lhe deram na cabeça com uma cana, escarnecendo-o. Em seguida, despem-lhe o manto carmesim e vestem-no com as suas vestes. Provavelmente a túnica inconsútil, a referida por João, é que era tecida de alto a baixo

“Em cada gota do seu sangue havia alma bastante para fazer um herói, mas com essa alma forte quanta doçura divina se misturava!”

Como se viu, Edouard Schuré era esotérico até à medula dos ossos, em todos quantos passou em revista, descobrindo a iniciação nos diversos templos egípcios, Moisés, Hermes, Platão e até esse legendário Orfeu que a mitologia diz haver nascido do rei da Trácia, CEnagrius, e de Calíope, musa da poesia heroica e de eloquência. Outros o dão como de origem mais fantástica, descendendo de Apoio e de Clio, também deusa da História e inventora da guitarra, instrumento com o qual por vezes é representada. (1)

(1) P. Commelin – Mitologia grega e latina.

Mas, entre cem pessoas, nenhuma absolutamente dá crédito às figuras fantásticas e estafadas da mitologia, a não ser algum energúmeno. Entretanto, não é somente Schuré que invoca o nome de Orfeu sempre que se trata de historiar as religiões do passado, dando-o como organizador de um sistema moral ministrado na Grécia pré-histórica, o qual, seja dito de passagem, não desvirtua o pensamento divino na obra da regeneração humana. Todavia, uma vez que se queira documentar alguma verdade, não será estabelecendo bases em bancos de areia. Orfeu penetrou no inferno onde ia em busca da sua idolatrada Eurídice, e como lhe fosse defeso olhar para trás na descida e não contivesse a impaciência de olhá-la, tombou no bátrio.

Ora, essa imaginária criação da fantasia de Virgílio, tomada à tradição, e de Homero, cuja existência ainda é posta em dúvida, apesar de cinco cidades lhe disputarem o berço, Schuré se apressa em afirmá-la como um ser vivo, iniciado nos mistérios dos Dionísios.

Da mesma forma, Hermes Trismegisto nunca foi iniciado, pois o invocam como mensageiro dos deuses. Quando muito, será iniciador ou mestre da sua doutrina. Também Platão não foi iniciado, mas sim discípulo de Sócrates, que, havendo-se inspirado em Anaxágoras, moldou uma filosofia absolutamente concorde com os futuros postulados cristãos e a ensinava verbalmente à mocidade no jardim de Academo, ou em qualquer parte onde estivesse, nas praças públicas, nas oficinas, passeando e até à mesa quando comia, assim formando muitos discípulos.

Platão reuniu muitas das lições nos seus 35 *Diálogos*, em que tomaram parte, entre outros, Sócrates, Echecrate, Fédon, Apolodoro, Cebes, Mileto, Eutifron, Símas e Críton, o servo dos doze magistrados. Embora mais tarde, indo ao Egito, se iniciasse nas doutrinas secretas dos sacerdotes de Sais, não se pode considerá-lo como a outros amordaçado pelas concepções dos dois Dionísios, com os quais travou relações, tanto que, não lhes podendo transmitir o amor pela sabedoria socrática, regressou a Atenas, onde fundou no mesmo jardim de Academo, herói mítico, a sua escola, que obteve grande celebridade. (1)

Acresce que, se o esoterismo é uma doutrina secreta, revelada exclusivamente aos que se iniciavam nos antigos Mistérios orientais, torna-se em absurdo incluir nesse conjunto Moisés e sobretudo Jesus, cujas lições nunca foram ocultadas a quem quer que fosse e constituíram a fonte onde se desalteravam os sedentos da água da vida, sem as indecisões do mistério nem as tenazes do segredo.

Quer no *Levítico*, nos *Números*, ou no *Deuteronomio*, Moisés fala sucessivamente como por ordem do Senhor, que é quem lhe dita e ordena as leis constantes desses livros, caindo assim por terra a noção de que fosse iniciado nos santuários do Oriente.

(1) Joaquim Alves de Sousa – Philosophia Elementar -